

JORNAL DE 2^a FEIRA

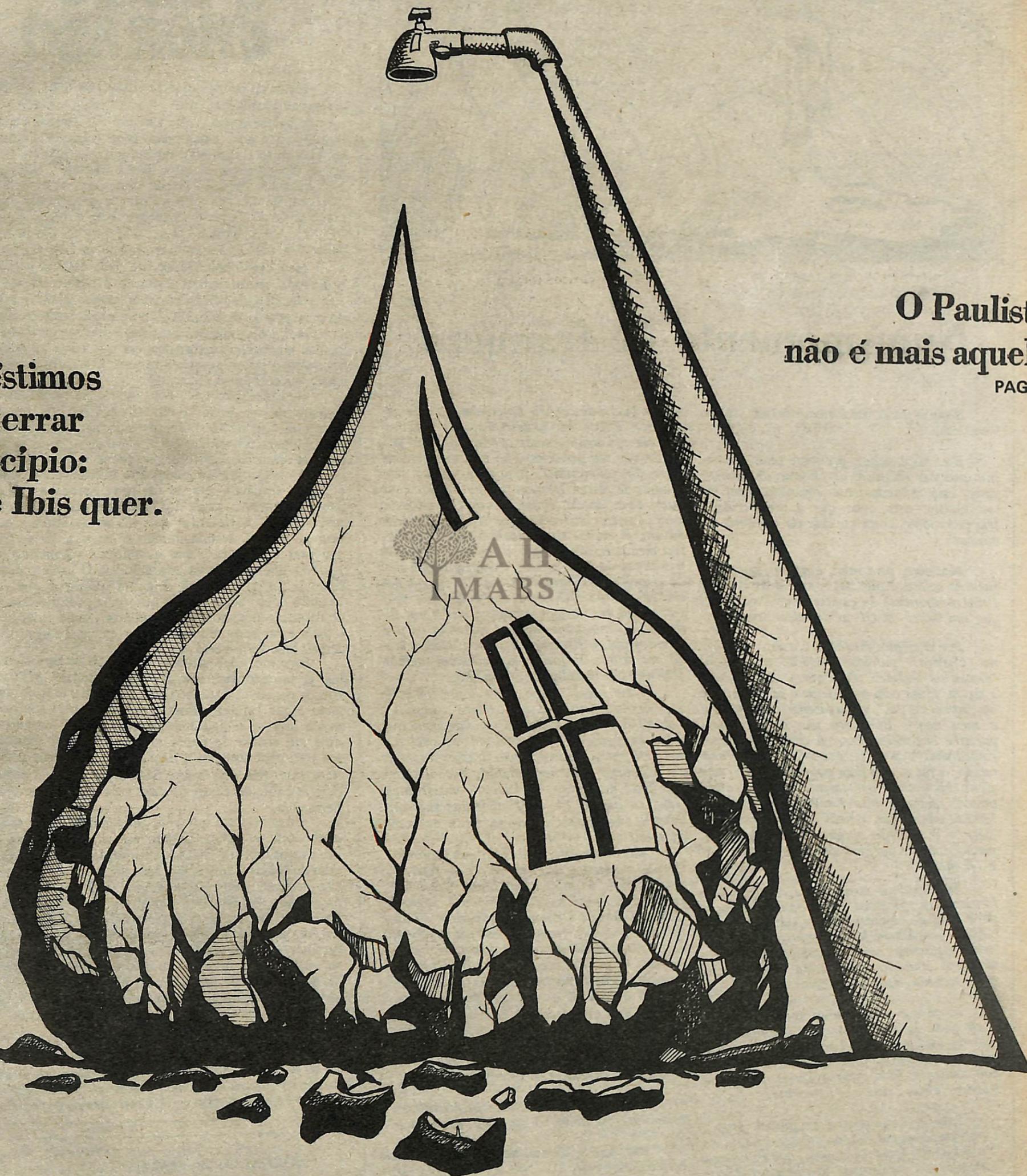
JUNDIAÍ, 24 A 30 DE MAIO DE 1976 - N.47 - CR\$ 2,00

**Empréstimos
vão enterrar
o município:
é o que Ibis quer.**

PAG. 16

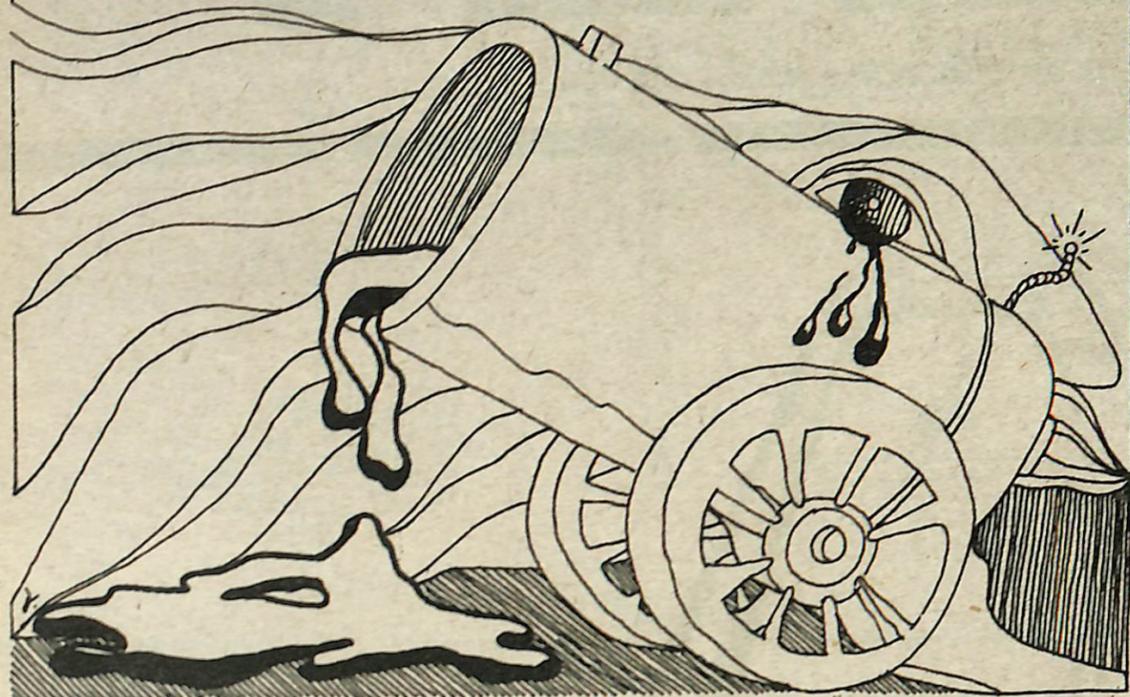
**O Paulista
não é mais aquele**

PAG. 7



**Água do Atibaia:
outra mentira do governo Ibis.**

PAG. 8/9



Num momento de fraqueza

Sempre fui avesso à mediocridade, ela me incomoda.

E se você, leitor, pressente nessa afirmativa qualquer resquício de elitismo de minha parte, está redondamente enganado: nem eu sou elitista, nem acho que a mediocridade seja patrimônio desta ou daquela categoria de pessoas.

Medíocre, para mim, é a forma como alguém se coloca diante das coisas. Mediocridade é um componente do caráter das pessoas, mais que um índice de QI ou de saldo bancário.

Por exemplo: medíocre é o autor da página "Chalça", publicada aos domingos pelo "Jornal da Cidade". Para quem não conhece a figura, é um cara que, desde o aparecimento do "Jornal de 2a.", vinha fazendo chacota com o meu nome. Enquanto seus ataques eram pueris e inconsequentes, eu dava daqui umas pauladinhas e pronto. Acontece que, ultimamente, o rapaz deu para publicar ofensas mais sérias, imputando pensamentos sujos à minha pessoa, tentando me envolver com terceiros, fazendo aquilo que o medíocre se compraz em fazer — o que não chega a ser surpresa, pois mediocridade é sua principal característica. Esse é o homem.

Tudo nele é medíocre, a começar pela forma como se coloca diante da Comunicação: ele é confuso, escreve cifrado, sua comunicabilidade é medíocre. Mas não é justo condená-lo somente por isso, uma vez que estilo e clareza são dons com que a natureza, seguramente, não o brindou, ele não tem culpa.

Já no que concerne ao senso de humor, aí ele pode ostentar, com toda a pompa, o título de medíocre. Durante anos ele escreveu uma página, essa sim, de pretensão humor que, honestamente, faria corar o Carlos Alberto de Nóbrega (ainda existe esse humorista?).

Pois foi numa ocasião em que ele propôs a publicação desse humor minúsculo aqui no "Jornal de 2a.", e foi recusado, que nasceu sua antipatia para comigo: eu fui o primeiro a recusar. Em humor, decididamente, ele é medíocre. Tanto que desistiu.

Uma vez recusado naquilo que insistia em chamar de "novo estilo jornalístico", ele conseguiu ser publicado novamente no "Jornal da Cidade", de onde havia sido mandado embora. E havia uma razão para essa readmissão: ele

seria a bucha-de-canhão no combate a este semanário. Pobre bucha-de-canhão! O máximo que ele conseguiu assacar contra o J 2a. foi aquilo que seu pobre espírito inventou: "semanário dos quercistas". Mas nessa época seus tirinhos de festim estavam divididos contra um outro alvo, àquele tempo considerado perigoso para os patrocinadores da sua "Chalça": Pedro Fávoro. E então, no combate a Pedro Fávoro, sua mediocridade atingiu o apogeu: carregava nas tintas da "nostalgia", conduzia a palavra de entrevistados, fazia o máximo do seu medíocre esforço para denegrir o inimigo que seus patrocinadores haviam imposto a ele. Nessa fúria mickey-mousiana, acabou metendo os pés traseiros pelos dianteiros e acabou desagradando aos donos do jornal, que acharam melhor dispensar seu trabalho inconsequente.

Nesse meio tempo, meu nome foi indicado como postulante a candidato a prefeito, pelo MDB. Pronto! Estava aí a grande chance de volta do medíocre em cena: um razoável número de patrocinadores tinha (e tem) interesse em combater essa candidatura a candidato. Esse fato, mais outro de relevante importância (veja, na página 14, a "Notícia que vale milhões"), relançaram a página, desta vez com endereço novo e certo: eu.

Mas os ataques, meu Deus, que estupidos! O mais insistente deles é sempre se referir a mim como "o publicitário Erazé Martinho". Primeiro, como se isso fosse desdouro. Segundo mal sabe ele que a empresa que paga o seu salário vive seus melhores anos graças à veiculação da publicidade oficial, a propaganda do prefeito; e que ela, até hoje, continua a faturar propaganda de indústrias e outras organizações a título de notícia de primeira página: inaugurações, confraternizações, cursos, viagens de executivos, etc. Somente um medíocre não vê essas coisas. Parêntesis: noticiar propaganda é uma praxe seguida por muitos jornalistas, embora eu não considere isso jornalismo.

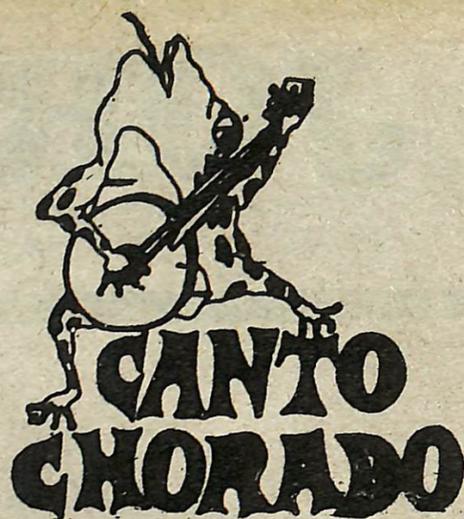
A segunda tônica dos típicos medíocres é conceituar-me como "o candidato mais fraco".

Ora, seu medíocre, ninguém se preocupa com o mais fraco.

A não ser eu, que perdi vinte minutos para escrever isto tudo.

Só que, neste caso, foi mais uma necessidade fisiológica. Perdão, leitor.

Erazé Martinho



Meu mui prezado Martinelli, (é assim que começam as cartas amistosas).

E agora, como é que vai ser? Os colegas da colenda exigem o teu amém nas rezas em sufrágio do Pereira e te sentenciam sem mais alternativas o jargão italiano, "o mangia questa minestra, o salta quella finestra". Não dá mais para bancar o tangará. Deixar como está, até ver como é que fica, já era... Chegou a hora da onça beber água... e, como já disse alhures um papagaio sabido, ou dá ou desce...

O diabo também tem suas leis. E em lendo-as a gente fica sabendo que tudo o que faz rir, faz chorar...

Meu caro comendador, de nada adianta persignar-se o dia todo, se nos demais gestos...bem, deixemos isso p'ra lá.

Você agora está na berlinda porque jogou o tempo todo com paú de dois bicos. Aqui na rua, desanca o porrete na situação, mas não larga o regaço do Pereira. Figura indefectível nas bombochatas que diz que não frequenta, mas frequenta, a sua elegantíssima gravata é sempre posta em relevo nos clichês do "sossaito".

Tantos dribles você deu, aqui e ali, que acabou emaranhado na sua própria teia. Desta feita, ou permanece onde está, a coberto da tempestade que o tempo anuncia, ou volta para a colenda, onde, encabrestado vai se por sentado ou levantado conforme as ordens do Zilo.

A despeito das tramas que fizeram para obstruir e negar, acabaram por te dar nova licença a fim de que possa continuar, como até aqui com uma vela em cada mão. Dizem, entretanto, que vai ser a última. Que nova licença ser-te-á terminantemente negada. É menos pior aguentar o Corazzari, que quando vai vai mesmo, do que um cara que faz que vai mas não vai. O projeto da acumulação já foi p'ra o brejo. E agora? Como é que vai ser? Quando você falava pela aí que tinha pronto o seu pedido de demissão o pessoal se entreolhava, punha a mão no nariz e dizia estar sentindo um cheiro de papel rasgado. Falava demais, não foi preciso.

Segundo você afirmou, o pedido de demissão de há dias já se encontra redigido e datilografado, para uso no caso da negativa. Esta, todavia, na prática já te alcançou. E como é que vai ser? Entra o pedido e sai você, ou entra você e rasga-se o pedido? Há gente por aí dizendo que já sente um cheiro de papel rasgado. Será? O Pereira quer que você volte integrar a flácida súcia alinhada da colenda. Não volte. Não seja bobo. Safe-se enquanto é cedo. Pendure as chuteiras e pare de fazer gols contra o time da velha Petronilha.

Na sinuca em que você se encontra é que se percebe a sabedoria do diabo quando diz que tudo o que faz rir faz chorar. Muitas foram as vantagens que você desfrutou valendo-se das "benevolências" do Pereira. Agora ele precisa de você como arma branca para pôr o Leonel fora da colenda. Aquele cara age como trombinha de elefante, pode não machucar, mas incomoda um pouco. Só o seu retorno pode propiciar o ambicionado alegrão tanto ao Pereira como aos açaimados da colenda. A exigência se faz em recíproca às benesses recebidas nestes três anos e pico de desgoverno. É um dever de gratidão e de sinceridade, virtudes que sempre acrobolaram o seu caráter e a prodigalidade do seu coração. Amor, se paga como amor...

Receba um abraço do ex-corde, Simão.

Não sei se saio ou se fico
Não sei se fico ou se saio
Ficando eu perco a "majúba"
Saindo o Pereira eu traio

Ai, meu Deus, que triste fado
Ai, meu Deus, que situação
Curte um pobre "mingildo"
Com duas velas na mão.

JORNAL DE 2a. FEIRA
Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044 - Fone - 4-2759
Redator Chefe: Carlos Veiga
Capa e ilustrações: Decio Denardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue
Impressão: Departamento de Off-Set do
"Diário do Povo" - Campinas

Requerimento ao Prefeito - nº 9

Quem se der ao trabalho de examinar o contrato entre a Prefeitura Municipal e a firma contratante do sistema viário de Jundiá, entre várias curiosidades que estão a merecer debates, registrará o valor do canteiro de obras. Uma das firmas concorrentes pediu 100 mil cruzeiros, outra 3.480 mil e a firma vencedora a bagatela de 6.860 mil, quer dizer 6 milhões, oitocentos e sessenta mil cruzeiros. Isto no início de 1974.

Para se ter uma idéia da barbaridade que essa quantia representa, basta verificar que o imposto predial arrecadado em 1974 foi de Cr\$ 3.904.411,29 e com todos aqueles aumentos criticados. Para que? para construir um acampamento de luxo destinado a abrigar os empregados da Gutierrez. O que daria para fazer com esse dinheiro é de estarrecer. É só calcular.

Essa quantia é tão grande que dispensa qualquer outro comentário, acrescentando-se ape-

nas que, pelo contrato, deve ter sido paga 90 dias após a primeira ordem de serviço, quer dizer quase 7 bilhões antigos antes de apresentar qualquer fatura de obras executadas.

Se o valor do canteiro já assusta, considere-se o fato de não haver construção de canteiro algum, pois, pelo que se sabe a firma está usando as instalações do Depósito Municipal, cujos serviços foram desalojados a fim de, como bons anfitriões, prestar-se uma gentilêza à contratante, alugando-lhe a preços que também poderão ser discutidos o imóvel municipal.

Como há pessoas em nossa cidade que ficam chocadas quando este jornal traz à luz fatos dessa natureza e sendo verdadeiros que alguns continuam ignorantes da realidade jundiáense e,

Considerando o elevado custo contratado para o canteiro de obras;

Considerando que se é uma verdade que muitas crianças não podem beber leite nem comer carne, é certíssimo que o valor do canteiro de obras, que não foi construído, daria para comprar mais de 20.000 cabras de leite e ainda restariam os cabritos para a dieta de proteínas (Mediteemos sr. Esperidião);

Considerando que não se conhece realmente se as construções foram executadas de acordo com o plano e em que lugar e ainda em que data;

Considerando que se foi paga a importância total contratada a situação poderá ser considerada gravíssima;

Considerando que o Prefeito Municipal desafiou meio mundo para debater e conferir e aos desafiados se dá o direito de escolher como;

Considerando que nada mais saudável e prático do que uma conferência na base dos dois mais dois;

REQUEIRO, para que o povo de Jundiá possa acompanhar realmente a atual administração e se preparar para a próxima, digne-se o sr. Prefeito informar:

1) Foi paga à firma Andrade Gutierrez a quantia de Cr\$ 6.860.671,47 referente ao canteiro de obras?

2) Em que lugar e em que data foi construído esse canteiro?

3) Atendeu às especificações contratadas?

4) Para que fim a Prefeitura alugou as dependências do Depósito Municipal à mesma firma?

5) Constatou do edital de concorrência que seria dada essa vantagem à firma vencedora?

Nota: ainda não recebemos qualquer resposta aos requerimentos 1,2,3,4,5,6,7,e 8.

Virgilio Torricelli

Stultorum infinitus est numerus

Antes do mais, vamos trocar em miúdo o significado do nosso título, o qual numa interpretação grosseira vale dizer que desde o começo do mundo é infinito

o número dos tolos, dos passivos, dos incautos, dos xifepagos de alparvado que facilmente se deixam embaír pelo canto da sereia.

Não será, assim de estranhar, a existencia de pessoas que ainda possam acreditar nas deslavadas mentiras que a soldo do prefeito Ibis Cruz, quer dizer, da Prefeitura, vem sendo impingidas ao povo através dos jornais da cidade.

No último clichê que publicou no "JJ" seu Ibis afirma que fez tanta coisa nesta cidade que lendo o basbaque acaba mesmo acreditando que ele reconstruiu tudo — dir-se-á — depois de um terremoto onde os escombros foram o saldo do cataclismo.

De sorte que, como ninguém tenha visto o terremoto, também não logrou ver aquelas obras que o fuão vem alardeando.

Estampa um buraco em lugar incerto e não sabido e passa a blasonar tudo o que "fez".

Começa por dizer que "os serviços públicos" é que deram a maior soma de benefícios à população, tais como obras, saúde, água, esgoto, educação, lixo, rodoviária, cemitério, córregos, canais, pavimentação, estradas, galerias, escolas, etc.

Como se vê, já não há mais nada a fazer em

nossa terra. O homem fez tudo. Pode ir descansar sobre os laureis de sua glória..

E o que se vê, em verdade?

O centro da cidade completamente esburacado, calçadas derrubando pedestres distraídos e sujeira por toda parte e os jardins cheios de rato. A água é falta em grande parte dos bairros e nenhuma em alguns onde é transportada com caminhões-tanque. A carência de escolas na zona rural só percebe quem procura se familiarizar com o assunto. As estradas são uma calamidade. A pavimentação está por vir e se vier será por via de um insólito empréstimo que nos vai custar os olhos da cara. Os rios e os canais fedem mais do que nunca no predestinado destino de transportar para o ignoto os excedentes de uma população totalmente descoberta pelo governo municipal. Desde o governo passado estão insepostos às margens do Guapéva grandes tubos adquiridos para canalização e prevenção das enchentes, providência a que seu Ibis cruzou os braços apesar dos pesares.

Aí está o que de real se vê em Jundiá — a cidade mais suja e destruída de S. Paulo.

Ainda nesta semana, os jornais retratavam uma mulher cujo semblante era ao mesmo tempo de tristeza e de revolta, e que dizia no seu eloquente inconformismo: — "Os moradores do Jardim Guanabara querem a retirada do lixão. Moradores do Jardim Guanabara encontram-se apreensivos, pois o lixão existente nas proximidades além de exalar constante mau cheiro tem proporcionado a proliferação de moscas e ratos, pondo em risco a saúde das famílias. Esse aterro sanitário situado na estrada do Campo de Aviação está provocando a revolta dos residentes do bairro..

Preocupados, os moradores estão coletando assinaturas para a elaboração de um abaixo-assinado que pretendem entregar à secretaria da saúde na esperança de uma solução.

Queixas desse jaez existem às dezenas, enquanto Ibis persevera na dissipação de pequenas fortunas subtraídas ao erário para mentir, engazopar e ilaquear a boa fé naqueles que pela sua condição de vida além de crentes são trabalhadores arredados dos acontecimentos do dia a dia.

Elcio Vargas



Segundo se comenta, a grande disputa na próxima eleição será entre o poder do dinheiro e a insatisfação popular.

Caso se repita a tendência de novembro de 1974, já se pode arriscar um palpite sobre quem vencerá.

*

Opinião de um analista: para ganhar as eleições, a Arena deverá caracterizar-se como sendo contra a administração Ibis Cruz. Mas essa tarefa se torna mais difícil a cada dia: 1) devido à mansidão do candidato Pedro Fávoro, que jamais levantou sua voz contra Ibis; 2) a situação conflitante do candidato Walmor Martins, que foi o grande cabo eleitoral do atual prefeito, em 1972.

*

Um dos grandes entusiastas da candidatura Arnaldo Reis é o vereador Rolando Giarola. Certamente, porque já conta como líquida e certa sua expulsão do MDB.

Zona Franca

(O leitor escreve, comenta e opina)

ALGUMAS DAS IMORALIDADES DO GOVERNO IBIS CRUZ. APENAS ALGUMAS.

- As obras do Sistema Viário estão sendo feitas a preços escandalosos, num verdadeiro assalto ao dinheiro do povo.
- O asfalto das ruas da cidade, feito com exclusividade pela Andrade Gutierrez, está custando o dobro do preço pelo qual poderia ser feito, se a concorrência tivesse sido justa.
- Ibis e seu sócio-secretário Arnaldo dos Reis compraram, a preço vil, de uma viúva, um terreno na Vila Hortolândia, que está destinado a área de recreação, na Lei do Plano Diretor. Uma gleba desse terreno foi vendida a uma indústria, pelo preço de Cr\$ 1.500.000,00.
- No terreno que o prefeito e seu sócio venderam está construída a Concrebrás, que funciona clandestinamente à vista de todo mundo, sem ter nem mesmo a planta aprovada, já que a construção está fora da lei.
- De janeiro a março, mais de 1 bilhão e meio de cruzeiros já foram gastos, pelo prefeito, em propaganda duvidosa.
- O prefeito gastou Cr\$ 400.000,00 num torneio de futebol que rendeu apenas para os promotores da festa.

"Os que não são capazes de recordar o passado, estão condenados a repeti-lo" (George Santayana)

SUPERMERCADO ELIAS



ONDE OS PREÇOS SÃO SEMPRE OFERTAS

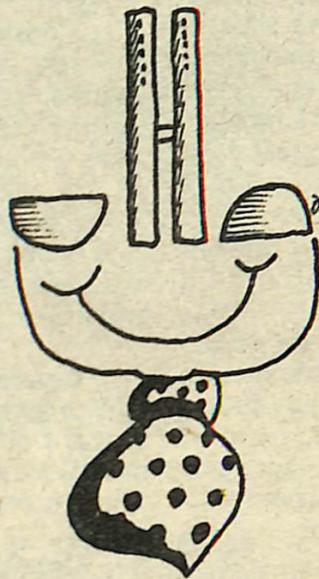
R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 - FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO



CONSTRUTORA JUNDIAÍ LTDA.

r. Siqueira de Moraes, n. 578
8º andar - conjunto 801 - C

SENADORES ESTÃO SABENDO DE TUDO



De Brasília, nos agradecemos pelo recebimento do "Jornal de 2a.," os senadores: Jarbas Passarinho, Dinarte Mariz, Amaral Peixoto e Wilson Gonçalves.

POR QUE NÃO PIRACICABA?

Srs: A Empresa Viação Capriolli, tenta mais uma vez (a primeira foi 1975) junto ao DER, instalar uma linha de ônibus regular entre Jundiá-Piracicaba, vice-versa.

No primeiro pedido da Empresa, o DER, simplesmente negou a solicitação. Quem perdeu foi Jundiá.

Como a instalação dessa linha irá facilitar aqueles que de Jundiá se dirigem à região de Piracicaba, sem a preocupação de baldeação em Campinas ou da demorada viagem por ferrovia, espero que V.Sas., militante na imprensa jundiáense, divulgue esta, tentando assim chamar a atenção do DER para o benefício que essa linha Jundiá-Piracicaba trará a cidade.

José Antonio de Mello

UM LEITOR QUE FALA NOSSA LÍNGUA

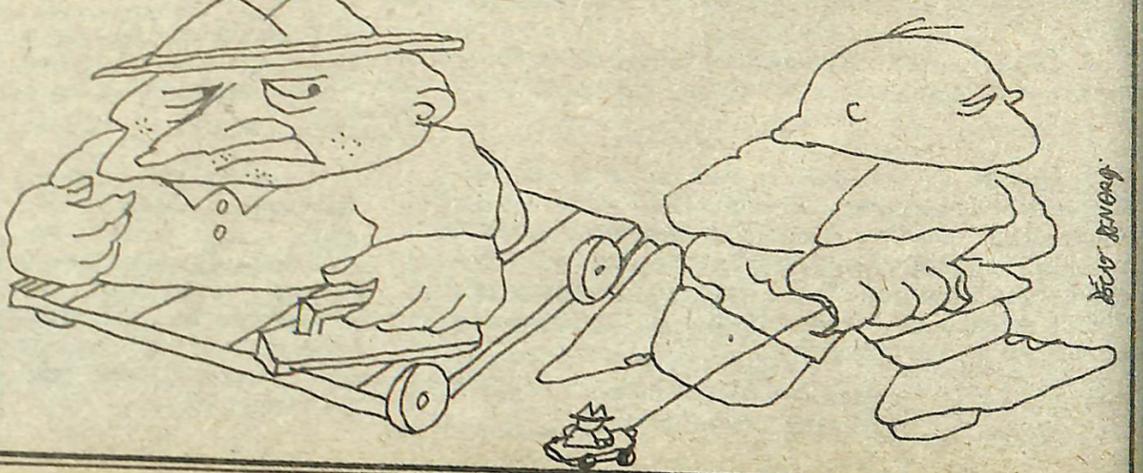
Estava eu na casa de um amigo, cujo pai trabalha como jardineiro da prefeitura, quando ele (o pai) chegou. Eram 7,30 da noite. Deu um beijo em cada um dos 5 filhos, abraçou e beijou a mulher e foi arrastando seus 55 anos de velhice para o banheiro, tomar um banho enquanto reclamava do miserável ônibus lotado em que viera para casa. A mulher corria dum lado prouto da cozinha, sabendo da fome com que seu homem chegava, após 8 horas de trabalho. Quando ele saiu do banheiro, a janta (pobre não tem jantar, tem janta e olhe lá), já estava na mesa acompanhada dum cerveja gelada. Enquanto comia sua macarronada ele contava à mulher e aos 6 filhos como tinha sido o dia, carpindo terra, cortando a grama, podando as árvores (figueiras, talvez?), enfim, embelezando a praça por onde as pessoas passam, olham, param, conversam, e isso lhe dava alegria e um orgulho dissimulado, de saber que era ele o responsável pelo bem-estar que as pessoas sentiam ao passar e ver a praça. Ele sabia, mesmo sem o saber, que era uma pessoa útil à coletividade, embora seus impostos estivessem atrasados. Acabando a janta, pegou o copo de cerveja, o maço de Continental sem filtro e foi com as 7 crianças para a sala assistir televisão, enquanto esperava a mulher lavar a louça, embora não houvesse água na torneira e o pouco que restava na lata de tintas tinha sido conseguido a duras penas, 8 quarteirões abaixo. As 10 horas foram dormir que o dia começava cedo para ele, teria que levantar às 6 para tomar café e ir trabalhar.

Isso me fez pensar numa coisa: que será que pensa aquele "mingildo", denominado vereador, que tem por

atribuição legal proteger os interesses da população, representá-la e lutar por ela? Comecei a reconstituir mentalmente sua chegada ao lar: são 5,30 da tarde e ele encosta seu Opala 75 na garagem, ao lado da Brasília 75 em que sua esposa leva e traz as 2 crianças do colégio. Entra em casa, dá um beijo nos 2 filhos e na esposa, prepara uma dose de Grant's e vai tomar uma ducha, que o dia de hoje começou cedo (às 9) e ele está exausto. De volta ao banheiro lá vem ele embrulhado em seu "robe-de-chambre" azul e senta-se na sala, esperando o jantar que está sendo preparado pela dona Maria, a cozinheira. Durante a refeição (hum! Stroganoff de camarão!), que transcorre silenciosa, ele pergunta às 2 crianças como foram na escola, o que fizeram e coisas assim. Depois de terminado, vão se todos para o living, a esposa liga o aparelho de televisão colorido, ele acende um cigarro More (o do Kojak, lembre-se?) e começa a contar à mulher o que aconteceu durante o dia na Câmara. Fala sobre o empréstimo de Cr\$... 120.000.000,00 que ele ajudou a aprovar para o prefeito fazer sua avenidas e contou ao povo como isso é útil, afinal, é o progresso que explode dia a dia; fala sobre o plano de saúde que está sendo levada a cabo pelo secretário da saúde (progresso!), fala sobre os jantares a que terão que ir na próxima semana para comemorar a abertura de exposições, convenções, escolas, asfaltamento, iluminação pública (ah, o progresso!); fala, fala, fala. Pois é, tentei mas não consegui imaginar o que pensa essa nobre e ilustre edil. Talvez ele possa dizê-lo algum dia.

Lico

DECIO



Pantomnésia, a memória inconsciente.

Como já vimos, todos os estímulos por menores que sejam são registrados por nosso inconsciente (Hiperestesia) e lá ficam registrados, como um imenso computador, por tempo indeterminado, e as vezes mesmo passados dezenas de anos, esses registros podem aflorar ao consciente por um estímulo qualquer, ou serem pesquisados no inconsciente através da hipnose.

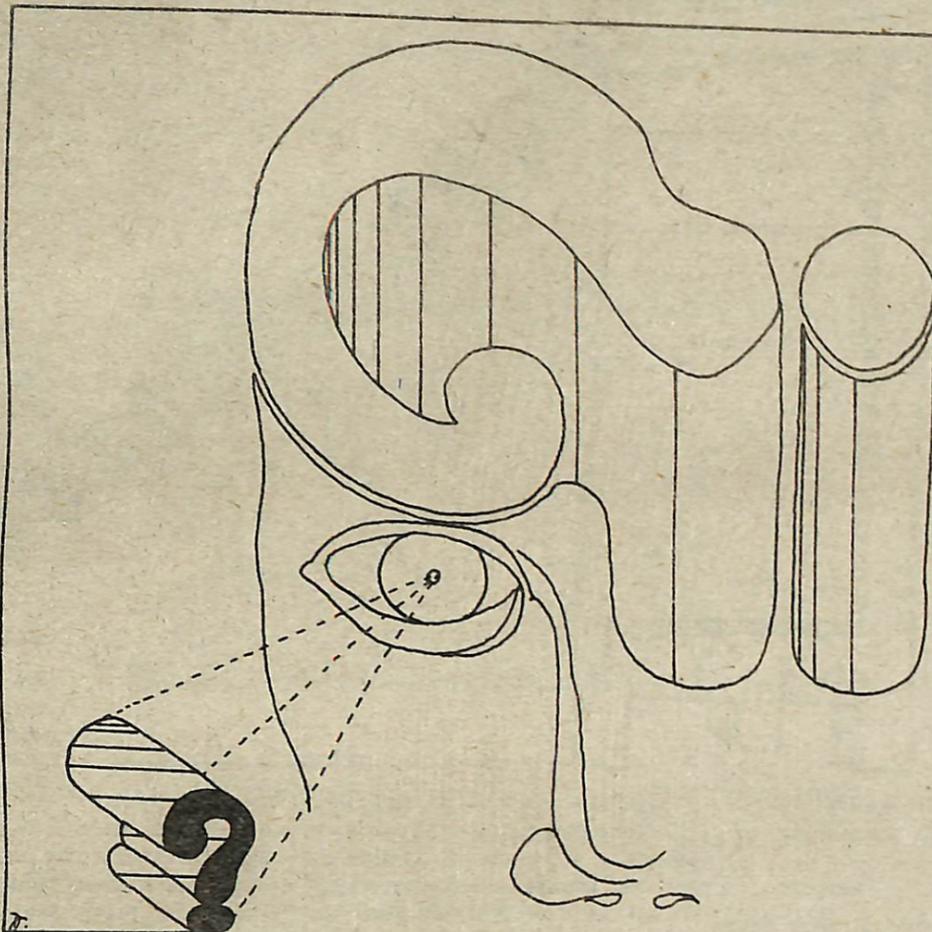
Muitos casos de doenças psicológicas e neuroses são resolvidos, através de uma detalhada busca ao inconsciente.

Podemos perguntar agora: até onde se estende essa memória? É difícil se determinar exatamente, mas sabemos que mesmo muito antes de o ser humano possuir a razão, ele já possuía memória inconsciente.

Em-se conhecimento de um jovem, que sofria de claustrofobia, cuja causa provavelmente fora o fato de sua mãe ter tido um parto bastante difícil e ele sofrera muito para nascer. Daí concluímos que a memória inconsciente atinge os meandros da vida intra-uterina.

O Dr. Maury, por exemplo, conta que uma noite sonhou que era menino e que vivia num povoado de Trilport. Lá, imaginou ver um homem fardado que dizia chamar-se "fulano". Maury gostava de analisar seus sonhos. Embora não tivesse a menor idéia daquele homem nem daquele povoado, onde pensava não ter vivido nunca, havia no sonho, uma vaga sensação de "já visto". Passado algum tempo encontrou-se com a antiga ama seca. A aia disse-lhe que sendo ele muito criança foram à mencionada localidade, onde o pai devia construir uma ponte, e que havia lá um policial com o mesmo nome que lhe tinha dito em sonho. (Alfred Maury "Le sommeil et les rêves. Etudes psychologiques sur ces prénotions et les divers états que s'y rattachent").

Pela maioria do inconsciente explicaram-se muitos casos de "já visto". Esta memória pode referir-se a antigas sensações inconscientes ou impressões conscientes já esquecidas. As antigas impressões (conscientes ou inconscientes) podem ter sido causadas não pelo mesmo objeto de que agora a pessoa se lembra senão por uma fotografia, cinema, descrição... Mas não queremos dizer com isto que não haja outras explicações para ou-



tros casos de "já visto". Muitas vezes, com efeito, essa impressão de lembrança se deve a diversas ilusões: "já vi aquilo" e na realidade nunca o viu mas o imaginou ou sonhou... (contra a opinião que nos parece insustentável, de Leonard, que nega a corrente de união, ou lembrança de sonho a sonho). Outras vezes a ilusão é que na realidade vimos alguma coisa parecida mas não a mesma e frequentemente haverá ilusão completa, uma "falsa lembrança" ou o distúrbio psíquico chamado em Psicologia "lembrança do presente" (H. Cfr. Bergson "L'Energie Spirituelle").

Podemos dizer aqui, que mesmo pessoas acometidas de amnésia, podemos afirmar que por mais profundo que seja o estado de "desmemorização", não há profundidade suficiente que possa atingir o inconsciente.

Um exemplo típico disto, nos é dado por Charcot numa de suas aulas na "Salpê Trière".

Uma doente, depois de violenta crise provocada por uma emoção, esquece tudo, desde um mes antes da crise (amnésia retrógrada), e depois não pode fixar nada nem guardar nenhuma lembrança (amnésia atual).

Charcot, o célebre investigador do hipnotismo em doente, analisa assim o caso na aula. Na realidade, os fatos que ela esquece tão rapidamente no estado de vigília, e que não pode fazer aparecer no seu consciente estavam verdadeiramente registrados (pelo inconsciente). A prova é que, espontaneamente, ela conseguiu lembrá-los de noite, no sonho. Mandamos que fosse observada por dois vizinhos de cama e comprovamos assim que ela frequentemente sonha alto e que nos seus sonhos faz, às vezes, alusão aos acontecimentos... que é incapaz de fazer reviver no estado de vigília. Mas a prova de que o inconsciente se lembra de tudo está especialmente no fato seguinte: esta mulher que conseguimos hipnotizar encontra durante a hipnose, todos os fatos sucedidos até o presente momento, e todas as lembranças revivem associadas, sistematizadas, ininterruptas, de modo que formam uma trama contínua e como que um segundo "eu" que contrasta estranhamente com o seu "eu" oficial, do qual todos conheceis a amnésia profunda". (JãMã Charcot: "Sur un cas d'amnésie retroanterograde probablemente d'origine hysterique" em "Revue de Médecine").

Já sabemos que o inconsciente registra tudo aquilo que o consciente vive, mas não se limita a isso, pois o consciente arquiva também tudo aquilo que vivemos em estado de inconsciência.

Vejam por exemplo este caso, de lembrança no sonho natural, de uma sugestão pós-hipnótica.

"O Dr. Voisin hipnotiza um homem. Feito isso, sugere-lhe que ao acordar, em vigília, deverá assassinar uma mulher que então estava deitado num leito próximo, e sugere também que deve esquecer tudo. Acordado do sono hipnótico, sem saber por que, o indivíduo dirige-se à cama que estava perto e sem hesitar apunhala um manequim de mulher perfeitamente dissimulado. Os magistrados, diante dos quais se realizava a experiência, não conseguiram do suposto assassino nem a confissão do crime, nem a descrição do ato, nem o nome do cúmplice que o sugerira. Era uma ação em vigília mas imediatamente esquecida por efeito da sugestão pós-hipnótica.

Tres dias depois, o homem volta à Salpêtrière. Sua fisionomia mostra as marcas do sofrimento moral intenso e da insônia pertinaz. Queixa-se de ver todas as noites, assim que adormece, uma mulher que o acusa de tê-la assassinado com uma faca. Acorda sempre excitadíssimo. Rejeita o sonho como absurdo, mas consiliando novamente o sono, surge o mesmo sonho da trágica aparição. Os médicos tiveram então de explicar-lhe tudo para que o pobre homem não ficasse louco! (Auguste Voisin "Les suggestions criminelles posthypnotiques" em Revue de L'hypnotisme).

Como vimos, a sugestão pós-hipnótica para esquecimento não apresenta nenhuma eficácia no que tange ao inconsciente.

Fica aqui uma alerta aos "pretensos" hipnotizadores: o esquecimento da sugestão pós-hipnótica não é total, e pode algum dia voltar ao consciente do hipnotizado e em não raros casos, levando-os à loucura.

Esse é o maior perigo das "hipnoses de palco" onde os hipnotizados são levados muitas vezes a ridículos para se mostrar a "força" do hipnotizador.

BIBLIOGRAFIA
Canais Ocultos do Espirito
Louisa E. Rhine
A face oculta da mente
Oscar G. Quevedo

S.E.B. Ebbert

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR
E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM
DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 Tels. 6-4650 e 4-1489

Porguido

**RESTAURANTE
Wyskeria**

**Carnes "Santa Gertrudes"
Chopp-Claro e Escuro**

**Aguarda a sua visita
Rosario, 670 - fone 4-3201**

Os três testes de Ibis

Os que vem acompanhado, na cidade, as marchas e contramarchas da política, à esta altura do tempo terão percebido que o candidato do prefeito Ibis, à sua própria sucessão, já foi para a "cucuia".

Senão, atentemos aos três testes que situaram o alcaide como caudatário na corrida em direção às urnas.

O primeiro exemplo sustentando essa conceituação tivemos-lo a 15 de novembro de 74, quando Ibis, carregando às costas por todos os bairros e subúrbios um espartilhado forasteiro, ou seja, o então deputado federal Mário Telles, não logrou capitalizar para o pupilo mais que a irrisória soma de 641 votos arrecadados num colégio eleitoral de 80 mil inscrições. Se sopearmos o dinheiro gasto, as benesses da Prefeitura e o interesse dos "chupetas" que nela estão dependurados, veremos que o prestígio do prefeito desceu à expressão mais simples nas simpatias populares. Disputando com o candidato de Ibis, um humilde conterrâneo como é o previdenciário Antonio Carlos Pereira Neto, o deputado se decepcionou ao ver o contendor com a apreciável votação de 13.458 sufrágios. Foi nesse pleito que se apurou, pela vez primeira, a insensibilidade do eleitor relativamente, à propaganda demagógica.

Veio depois, aos 13 de julho de 75, a convenção partidária da Arena para composição do atual diretório. Ibis, que antes arrotava enfaticamente que faria as tres sublegendas, acabou se conformando com um melancólico terceiro lugar. Mostrava, assim, o eleitor, pela segunda vez, que não se deixa embaír pela prosápia matreira que o

alcaide vem alimentando no uso abusivo do dinheiro público.

Em dias do mes passado aconteceu a eleição para renovação de um terço do Conselho Deliberativo do Grêmio dos antigos empregados da Companhia Paulista. Os empenhos de Ibis recaiam no seu leal servidor José Oliveira Barbosa, que levava o "handicap" de presidir a sociedade. Aí, também, nesse terceiro teste, Ibis sofreu o desencanto ao ver o seu total desprestígio no seio dos associados. E o que ainda é pior, a afinidade de Barbosa com Ibis resultou num boato que não reproduzimos pelo delicado de sua natureza, mas que está bastante amadurecido no domínio da população.

Prepara-se agora, Ibis, para jogar a sua quarta e der-

radeira cartada — as eleições municipais de novembro próximo. Leva como bandeira, nessa cruzada de desespero, o seu sócio Dr. Arnaldo Martins dos Reis, que ocupa na Prefeitura o cargo de secretário da saúde. A vitória, nas urnas, como último bastião na sustentação da sua situação política é uma questão de vida ou morte como se costuma dizer quando alguém joga todos os recursos disponíveis no conseguimento do seu desiderato. Se eleito o sócio, (o que é considerado uma zebra no futebol da política), estará aviventada a sua esperança na busca de uma cadeira de deputado. Na adversidade, isto é, perdendo Arnaldo Reis, fácil será prognosticar o destino de Ibis.

Percebendo, desde já, os trovões da tempestade, o prefeito, com a carência de escrúpulos que o caracteriza,

vem dando farta contribuição um espécie aos clubes varzeanos sob o pretexto de ajuda municipal ao esporte amador. Cada uma dessas associações, através de vales garantidos pela Prefeitura, retira em determinada loja da cidade, bolas, calções, camisas, chuteiras, etc., no valor de 4 mil cruzeiros. E assim, vai o dinheiro do povo esvoaçando na propaganda eleicoeira.

Mas, pergunta-se: irá isso adiantar?

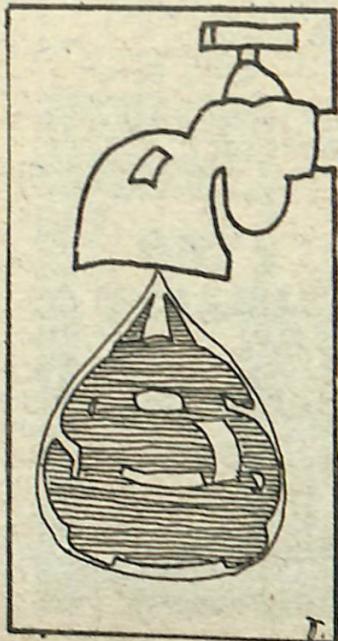
Será o eleitor tão atrasado a ponto de não perceber que pagou e continua pagando valor muitas vezes maior de que a dívida recebida? Seus impostos, como a taxa d'água, estarão sensivelmente majorados no ano que vem para fazerem face a juros, correção monetária e amortização dos insólitos empréstimos que negociou em con-

dições altamente danosas para o município. Queremos acreditar que não, ou melhor, que o eleitor, não se deixará enganar pelo canto da sereia.

No dia das eleições a consciência e o seu apego à cidade farão com que o seu raciocínio se refresque, quando então lhe virão à lembrança as comedeiras, as obras suntuárias, a falta d'água a poluição dos rios, a pessima conservação das ruas, os buracos, a sujeira e o dinheiro que se vai mensalmente no pagamento de mais de uma centena de "chupetas" pendurados em cargos desnecessários.

Não são precisos, pois, prenúncios mais cristalinos para que se perceba o crepúsculo desse grupelho que há mais de tres anos vem sugando a economia municipal. C.V.

DAE teima em cobrar 3 vezes a mesma conta



José Roque Cereser, professor e renomado escultor, esteve na redação deste jornal para exercer um ofício que está se tornando mais difícil, a cada dia que passa, o de cidadão jundiense.

Trazia xerox de alguns recibos do DAE e contou a sua história: está sendo cobrado, pela terceira vez, de taxas referentes aos meses passados.

"Aqui estão os recibos quitados em banco, referentes ao pagamento dos meses 11 e 12 de 1974. Pois bem, explica Roque Cereser, em fevereiro de 1975 o DAE já tentou me cobrar por estas contas, que eu havia pago

no dia 23/1/75. Como eu não consegui localizar os recibos, na ocasião, fui à autarquia e paguei de novo, eu não tenho tempo de ficar encarecendo por causa de taxas de água, tenho mais o que fazer".

Enquanto fala, Roque Cereser deixa transparecer o fairplay que o caracteriza. E ele confirma: "Veja, eu trabalho como professor e faço meus trabalhos de escultura. Perder tempo atrás de conta de água sai muito caro para mim. Porém, o DAE insiste em complicar a vida do contribuinte, fazendo cobranças de esmo, como se os únicos que tivessem obrigação de

controlar os pagamentos fossem nós, os contribuintes.

"Paguei duas vezes, prossegue Cereser, para evitar discussões. No entanto, estou recebendo nova cobrança, de 3 meses atrasados, entre os quais um dos meses pago duas vezes. É um absurdo!"

José Roque Cereser, deixou de ir à Capital, tratar de uma possível exposição de seus trabalhos numa galeria de arte, para ir ao DAE resolver o problema da terceira cobrança indevida.

"O funcionário do DAE me disse que eu tenho obrigação de guardar todos os recibos quitados, porque o

DAE cobra mesmo. "O senhor que apresente a quitação", disse o funcionário. Ora, em que terra vivemos, se cada cidadão deve guardar, por toda vida, cada recibo de conta que paga?", conclui Cereser.

Fica aqui o registro do abuso cometido pelo DAE (contra quantas pessoas?), que envia cobranças ao Deusdará, exigindo que cada cidadão, "prove a inocência". Ou, então, que diga o conselho de Cereser: "Guardem todos os recibos, durante toda a vida. Senão algum bisneto seu ainda sofrerá as consequências dessa estúpida burocracia que trata o contribuinte como seu servidor".

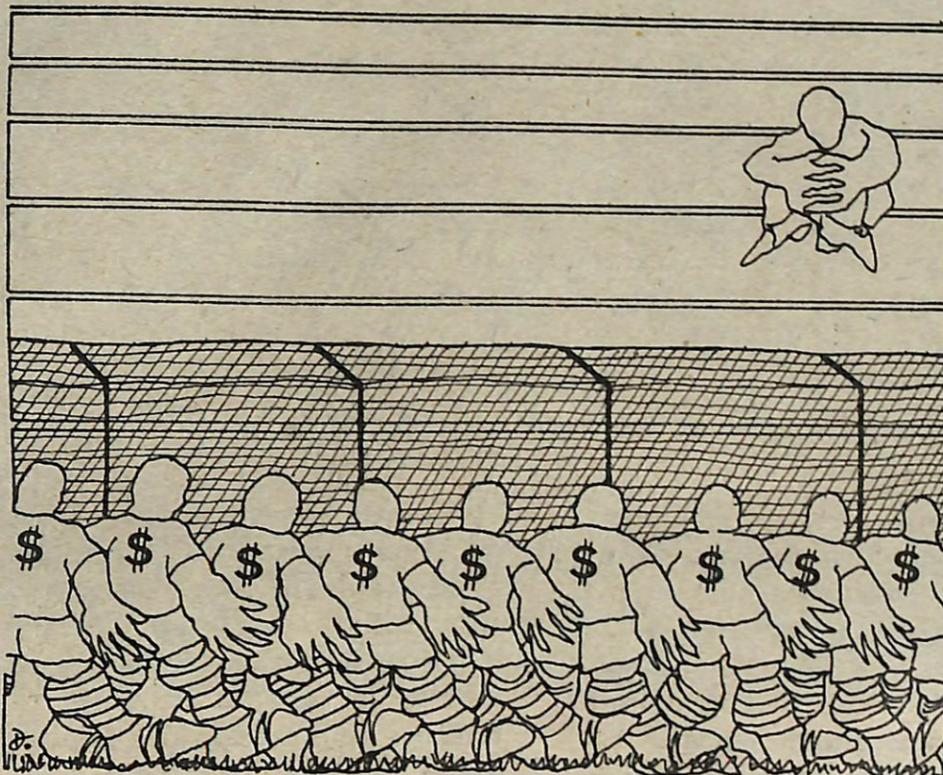
Agonia na arquibancada

Confesso um inteiro deslumbramento pelas cores e pela plástica do futebol desde o dia em que, menino, um amigo me tomou pela mão e levou para ver o The Strongest aplicar uma surra histórica no Always Ready. (Não se deixe enganar pelos nomes: são dois times modestamente bolivianos, e quando eles se enfrentavam, tratava-se nada mais e nada menos do que um clássico da cidade de La Paz).

Minha iniciação em esquemas táticos foi muito simples: perguntei àquele tal amigo qual seria o misterioso motivo que levava o jogador de camisa número 7 a correr sempre pelo lado direito do campo. Ele me explicou que cada jogador fazia uma coisa dentro do campo, que cada um tinha uma posição. Até hoje, meus conhecimentos de estratégia não vão muito além disso, o que convenhamos, num país de tantos técnicos como este, é uma bagagem bastante miserável.

Eu prefiro mesmo a cor das bandeiras e das camisas e o paroxismo das torcidas. Mil boas retrancas bem urdidadas não valem um vintém perto da emoção do gol. Aos gênios táticos, prefiro os goleadores aloprados.

Há quem insista em atribuir ao futebol uma soturna função sociológica: a de distrair as massas e afastá-las do cerne de seus verdadeiros problemas, de origem político-sócio-econômica. Em suma, se o velho Marx entrasse no Maracanã em dia de Fla-Flu, é possível que escrevesse alguns adendos à teoria da alienação. (É possível também que, como bom alemão, ele acabasse entrando para a torcida uniformizada do Bayern de Munich; a gente nunca sabe as surpresas que a história nos reserva).



Seja como for, por mais que o pedantismo bem formado torça o nariz, aos domingos prefiro colocar a teoria na estante e ir vender minha alma ao diabo na arquibancada de cimento. O preço quase sempre compensa. Se fosse teorizar, para dar respaldo à minha condição profissional de "comunicador", diria que não conheço nenhum outro meio de comunicação que estabeleça uma ligação mais rápida e direta entre emissor e receptor da mensagem do que o futebol.

Mas aqui não interessa teoria. Interessa paixão. Se deixassem a razão entrar, todo estádio seria um escandaloso e vasto cemitério.

E é em nome da paixão é que reclamo contra o manto de apatia que neste momento soterra as nossas breves festas dos domingos: senhoras e senhores, é preciso reconhecer: o Paulista vai mal, muito mal.

Eu o conheci no mais aca-nhado cubículo esportivo de que tenho notícia: o estádio da avenida Professor Luiz Rosa. Lá, os grandes chutes atravessavam soleira dos mortos, e iam depositar-se irônica e nos túmulos dos que, aos domingos, nem descansar em paz podiam. Confesso que aquele contraste, à primeira vista, me chocou. Aqui, um estádio de tardes fragorosas e dramáticas, de guerrilhas con-

tra adversários e juizes, de gritos insanos e alegrias alucinadas. Do outro lado da rua, um silêncio eterno e irremovível.

Hoje não há nem rastro do minúsculo, digamos assim, estádio. E não há também indícios de que tenha sobrevivido uma pequena parcela que seja do espírito que o habitava.

Ali alguns homens nem tão compenetrados e nem tão profissionais matavam e morriam por uma camisa. A cidade ululava sua paixão que mal cabia em pobres e semi-apodrecidas arquibancadas de madeira. Era um lugar feio, pequeno, incômodo, esburacado, sujo, pobre. Um pequeno circo, mambembe mas honesto.

Se antes o Paulista era uma paixão, hoje não passa de um emprego. E não existe nenhum dispositivo nas leis trabalhistas que permita ao clube inserir na carteira profissional de seu funcionário-futebolista o item "é obrigatório dispensar atenção e amor à camisa envergada".

Não se pode torcer por um aglomerado de torneiros-mecânicos, ou um bando de engenheiros, ou um grupo de bancários.

E nestes últimos domingos, esse grupo de onze cidadãos que anda por aí a ostentar a camisa do Paulista têm demonstrado que a única coisa que os une é o vínculo empregatício.

Vestem a camisa tricolor por mera injunção: não se permite, salvo específicas exceções, exercer a profissão sem estar devidamente trajado.

Esses rapazes estão matando a paixão de uma cidade. Estão matando de canela.

Sandro Vaia

Percival de Souza

No estudo daquilo que se conven-
cionou chamar vitimologia, verifica-se
que, cada vez mais, as vítimas adquirem
menos importância nas ocorrências cri-
minais. Ou seja: discute-se muito os fa-
tores que levam o homem a matar, a
roubar, a cometer crimes — e as víti-
mas, quase sempre, são sepultadas na
vala comum do esquecimento.

Essa tese, defendida por juristas e
policiais, ajusta-se como uma luva ao
lamentável episódio de Ribeirão Preto,
onde o juiz-corregedor local — Jorge
Cocicov — entrou de repente no 2.º Dis-
trito e surpreendeu dois homens pen-
durados em um pau-de-arara, conhecido
instrumento arranca-confissões.

Feito o flagrante pelo juiz, dois po-
liciais-militares (soldados) foram presos,
porque eram eles que manobram os ins-
trumentos, numa sala fechada. O fato
repercutiu, o secretário da Segurança
precisou ir a Ribeirão; os presos, reti-
rados do pau-de-arara fugiram. E o fil-
me que reproduzia cenas da tortura,
(o juiz levou um fotógrafo consigo), sur-
preendentemente, "velou".

O caso motivou inúmeras aprecia-
ções: da Justiça, solidária com o juiz: de
policiais, comentando — com discreção —
que não existe outra forma de ladrão con-
fessar seus crimes e que aqueles dois ho-
mens eram perigosos ladrões de automó-
veis, autores de muitos roubos em Bar-
retos e cidades de Goiás. Até aí, compre-
ende-se o posicionamento das duas ins-
tituições: o primeiro, da Justiça, comba-
tendo as torturas, num ato do juiz-corre-
gidor que é previsto, inclusive, pela Cor-

regedoria Geral da Justiça; o segundo da
Policia, de defender a sua posição no que
chamam de defesa da sociedade.

O que importa avaliar, neste caso,
acredito, é a informação principal: aque-
les dois homens pendurados no pau-de-
arara não eram ladrões e nem haviam co-
metido delito algum. Para facilitar as coi-
sas, não vamos discutir, aqui, se os fins
justificam os meios; se os ladrões não re-
lacionam seus múltiplos roubos a não
ser com métodos desse tipo etc.

O que importa, basicamente, é que
aqueles dois homens eram inocentes. Sim:
inocentes.

Por que foram parar no pau-de-arara?
Certamente, em consequência de uma an-
ta qualquer. Mas, quem eram eles? Um,
era o sr. Roberto Robson de Barros, me-
cânico, fazendo free-lancer dirigindo uma
perua Kombi. E isso porque o outro tor-
turado, sr. José Pereira Neto, comercian-
te, vende bijouterias e precisava fazer al-
gumas cobranças das vendas que faz, a
crédito. Pois bem: o sr. José saiu de Ube-
raba, onde mora, numa Kombi dirigida
pelo sr. Roberto, e foram parar na cidade
de Jardinópolis, distante 15 quilômetros
de Ribeirão Preto. Ali, um solerte achou
a perua "suspeita" e, obviamente, seus
dois ocupantes igualmente "suspeitos".

Embora fosse a coisa mais fácil des-
se mundo verificar as afirmações do sr.
Roberto e do sr. José, que protestavam
inocência, alegavam sua condição profis-
sional e forneciam nomes e endereços que
poderiam ser facilmente verificados, os
dois fora levados para Ribeirão Preto.
Ali, algum omisso consentiu em que os
dois fossem "pendurados". Não que hou-
vesse explicitamente alguma coisa contra

os dois. Mas, segundo o raciocínio de al-
guma anta não identificada, "os dois po-
deriam, quem sabe, contar alguma coisa".
Absurdo.

Aí, pergunto: contar o que? Não ha-
via nada o que contar. Aliás, contaram a
única coisa que poderiam contar: que
eram trabalhadores, honestos, tinham fa-
mília (por sinal, ambas conceituadas, nas
duas cidades — Barretos e Uberaba) e
deram até o nome de um advogado, ami-
go do sr. José, que poderia referendar o
que estavam afirmando. Inútil: preferi-
ram pendurá-los no pau-de-arara. Torpe e
cruelmente.

Pois bem: chega o juiz, fora de hora,
sem avisar ninguém, entra pela porta dos
fundos e faz o flagrante. Então se discu-
te: o juiz deveria ter entrado pela porta
da frente, deveria ter consultado as au-
toridades policiais locais, a instituição po-
licial deve ser preservada, etc. etc. etc..

Sempre tive comigo a convicção de
que tudo aquilo que se faz às escondidas
não presta. Inclusive aquilo que se fazia
numa sala fechada do 2.º Distrito Poli-
cial, em Ribeirão Preto. Tanto que, num
rasgo de humanidade, um solerte entre-
gou 100 cruzeiros aos dois e os "convi-
dou" a fugir.

Voltemos, então, à vitimologia: e a
situação das vítimas, isto é, a situação
daqueles dois homens, honrados, probos e
honestos que foram pendurados no pau-
de-arara, como é que fica?

Pois é: cada vez mais, as vítimas ad-
quirem menos importância nas ocorrên-
cias criminais. Provo o que digo em qual-
quer circunstância. Ou instância.

Plantão

Água: uma solução capenga

Um quadro lamentável foi o que viram os vereadores Romeu Zanini, Abdral Lins de Alencar e Leonel Corazzari quando da recente visita que fizeram à estação de captação e recalque do DAE no rio Atibaia. Sem funcionar, parecia abandonada há muito tempo, apesar da presença de alguns funcionários.

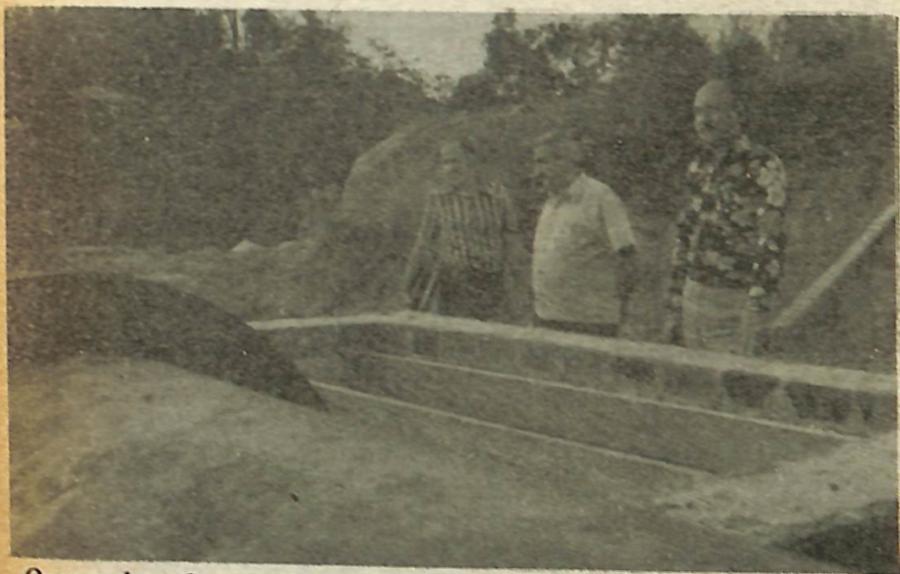
A estação completa compreende um reservatório de concreto armado, uma casa de bombas e uma sub-estação de energia elétrica. O reservatório tem uma de suas paredes parcialmente ruída e em outra existe uma grande fenda. A casa de bombas definitiva ainda não foi construída.

Mas para que o prefeito pudesse soltar aos quatro ventos que Jundiaí está recebendo água do Atibaia e que ela não mais faltará, foi feita mais uma de suas soluções precárias. Uma pequena casa de bomba, ligada à adutora que vem até Jundiaí, é que garantiu suas palavras.

QUEM TEM UMA...

Ocorre, porém, que existe apenas uma bomba em condições de funcionar e para a Hidráulica, «quem tem uma não tem nenhuma». Isto porque o equipamento de recalque necessita de um **repouso** periódico, para não forçar demais. Além disso, qualquer defeito que surja implica na paralisação do abastecimento.

A falta de um planejamento melhor pode ser constatada por um fato que aconteceu: quando houve uma cheia no Atibaia, o motor da bomba teve de ser retirado, pois a água iria atingi-la. Até hoje não foi recolocado.



Os vereadores Corazzari, Zanini e Alencar (a partir da esquerda) no local onde se fez a solução capenga.

MENTIRA

Por esses motivos é mentira o que diz aquele folheto impresso em azul pela Prefeitura: «Finalmente, a construção da Estação de Captação e Recalque do Rio Atibaia veio garantir a solução do problema da falta de água em épocas de estiagem».

E o folheto é descarado. A obra não está pronta, muito pelo contrário. Apenas para recomeçarem os trabalhos deverão ser gastos pelo menos seis meses, pois é preciso reparar as paredes avariadas pelo tempo e pelo descaso das autoridades, e concluir o projeto.

Este, era para estar pronto dois anos depois de iniciado, mas após todas as mudanças, será preciso, com otimismo, dois anos para que a cidade receba água do Atibaia definitivamente.

UMA LONGA HISTORIA

A estação de captação e recalque do rio Atibaia começou quando o então prefeito Pedro Fávoro conseguiu a autorização para a obra, que deveria ficar pronta na administração do sucessor Walmor Barbosa Martins, quando foi instalada a adutora.

Na ocasião da execução do projeto, a construtora que venceu a concorrência propôs uma troca do tipo de bomba, justificando que a cidade iria economizar cerca de um milhão de cruzeiros. O que não foi dito é que as bombas mais baratas iriam exigir novas instalações.

No projeto inicial, o conjunto de recalque era de eixo vertical, com os motores superfície. As substitutas, já compradas, têm o eixo vertical, que obriga os motores a trabalhar lado a lado, motivo das alterações do projeto que obrigaram o reservatório.

De qualquer forma, o resultado asseguraria a capacidade de recalque de 500 litros por segundo, com duas bombas e uma de reserva. A solução capenga do prefeito, que protela a definitiva, permite apenas cerca de 300 litros por segundo, sob o risco de parar a qualquer instante.

Para o DAE, poderia ser até mais vantajoso adotar novamente

o projeto que previa as bombas de eixo vertical, porque seria uma solução mais rápida. Mas não deve ser esta a intenção, pois nada foi feito em quatro anos, a não ser a complementação de 1.400 metros da adutora e a solução capenga. E obra lesiva por obra lesiva, já temos muitos exemplos na cidade.

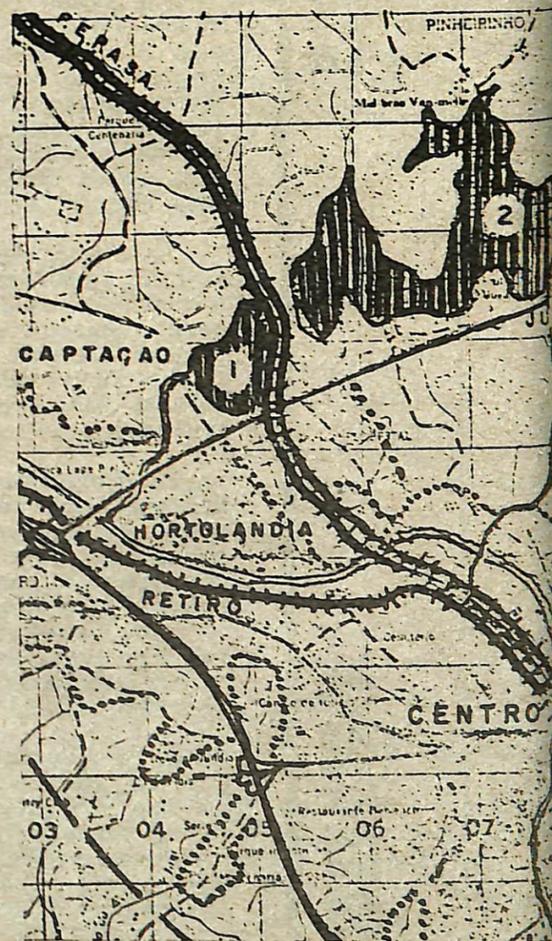
Mesmo assim, continuam os foguetórios sob a forma de folhetos dizendo que o problema da água está resolvido. Mas diante de tantas evidências provando o contrário, acabam virando «traque-de-salão».

MAIS REMENDOS

Agora o prefeito pretende fazer uma represa no Horto Florestal. Pelos seus planos, terá uma capacidade de armazenamento de água de um milhão de metros cúbicos. Atualmente, o reservatório junto à Estação de Recalque de Jundiaí-Mirim possui quatro mil metros cúbicos.

Contudo, Planidro projetou uma represa do outro lado da estrada de ferro com cerca de 200 alqueires, capaz de reter 40 milhões de metros cúbicos.

Por comparação, é fácil deduzir a mais vantajosa: a represa do prefeito, segundo cálculos feitos,



No mapa, a parte enegrecida e com o número 2 é a área que seria ocupada pelo reservatório. Aliás, mais uma vez o prefeito quer construir. Aliás, mais uma vez o prefeito quer construir. Aliás, mais uma vez o prefeito quer construir. Aliás, mais uma vez o prefeito quer construir.

capaz de abastecer a cidade
 25 dias, enquanto a outra re-
 zará o abastecimento da cida-
 rante todo o ano. O problema
 isto poderia ser resolvido se a
 rência do sistema viário ti-
 sido feita pelo bem da popu-
 Caso a cidade estivesse pa-
 os preços justos pelo asfal-
 to e movimento de terra, a
 omia resultante daria para
 aruir o reservatório projetado
 Planidro.

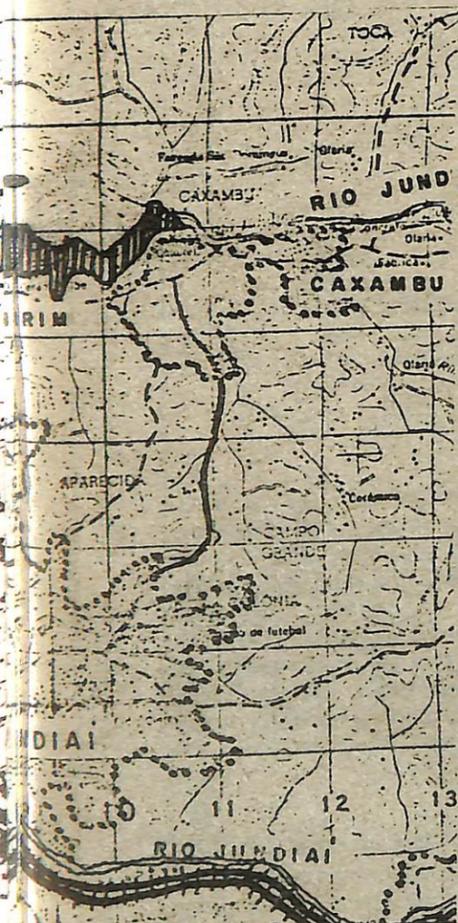
Mais uma vez, optou-se pelo
 fácil e não o que mais van-
 pode trazer aos jundienses,
 saíram perdendo de novo, co-
 em acontecido desde que a
 administração tomou posse.

VIDAS

que poderá acontecer na es-
 deste ano ainda é uma in-
 ca. O rio Jundiá-Mirim, na
 apresenta uma vazão de água
 aproximadamente metade do que
 de precisa. A estação do rio
 ia pode entrar em colapso a
 er instante. Enfim, apesar de
 que os folhetos mentirosos do
 disseram, a cidade pode fi-
 m água.

VERGONHA

assim, entre comunicados
 impressos coloridos e decla-
 obscuras, o abastecimento



local da represa que
 capenga. O número
 da Planidro.



No reservatório, a situação é bastante grave, pois parte de uma das paredes de concreto ruiu. Mesmo assim, o estado de abandono permaneceu.

da água continua a ser precário. O
 mais vergonhoso é a falta de con-
 sideração aos jundienses que, em
 última análise, pagam muito para
 ler e ouvir mentiras.

Num dos impressos feitos, está
 dito que a «água tratada pelo DAE
 é igual ou superior à água consu-
 mida nas maiores cidades brasilei-
 ras». O autor destas palavras infel-
 zes certamente nunca foi até a
 Vila Rio Branco, por exemplo, on-
 de a qualidade da água não é o que
 se pode chamar de saudável.

E esse também não é o estado
 do DAE, que se encontra gravemen-
 te doente, acometido de uma mol-
 léstia provavelmente contraída da
 Prefeitura: concorrência lesiva aos
 interesses do município. O mal, no
 entanto, não chega a ferir a autar-
 quia, mas os cofres municipais, re-
 cheados pelos empréstimos e impos-
 tos.

Neste caso felizmente a Justi-
 ça diagnosticou o mal e receitou o
 remédio, anulando a concorrência
 que favoreceu a contratação de uma
 firma especializada em obras de es-
 goto. A responsável por este ato foi
 a SANESUL que, julgando-se pre-
 judicada, recorreu à Justiça, que
 pode até ser cega, mas cheirou de
 longe a sujeira e não perdeu tempo
 em se pronunciar contra aquele ato
 que beneficiou, em prejuízo do erá-
 rio municipal, a uma firma certa-
 mente pré-escolhida.

Apesar de toda essa lama que
 a cada dia que passa se estende (an-
 tes, só se falava da concorrência
 desastrosa do Sistema Viário) os
 folhetos continuam a mentir. Ne-
 les se encontram declarações que

fazem crer estar a atual adminis-
 tração muito preocupada com a po-
 pulação. Na verdade e não é difícil
 de compreender, são apenas mano-
 bras demagógicas para envolver
 sentimentalmente os jundienses,
 como um paliativo aos abusos que
 se têm cometido. Só que não mais
 convencem.

A VISITA

Os tres vereadores que estive-
 ram na estação de captação e recal-
 que do rio Atibaia (Zanini, Alencar
 e Corazzari) na ocasião só pude-
 ram lamentar a triste situação das
 obras. Eles não conseguiram com-
 preender como deixaram no esque-
 cimento algo tão importante como
 aquela obra.

Entre os ferros retorcidos e o
 abandono do local, os vereadores
 viram mais reforço para a posição
 que têm adotado na Câmara: a de
 oposição aos projetos lesivos do
 Executivo.



Se correto, o recalque deveria começar
 aqui, onde também há grandes avarias.

Fotografe, com arte e técnica.

A maioria das pessoas já teve algum contato com fotografia, de qualquer dos lados da objetiva. Os mais entusiasmados chegam a gastar grandes quantias em material e equipamento fotográfico, apenas pelo prazer de ouvir o "clac" da máquina e tornar eterno um momento.

Mas são muito os segredos dessa arte que começou há mais de um século. Apesar disso existem máquinas muito simples, mas também aquelas chamadas "profissionais", que exigem um bom conhecimento técnico para de obter os resultados esperados.

Pensando nisso e no bom mercado da região, dois jovens, Flávio Proto e Sérgio Bisogni, resolveram fundar o Laboratório Cine-Fotográfico "Niepce" na rua Benjamim Constant, 216 - fone 6-8211. Lá, eles estão capa-

citados a fazer qualquer serviço fotográfico, desde reportagens até serviços industriais, publicitários e artísticos. No entanto, o que mais marca é a escola de fotografia anexa.

Com cursos de três meses e de um ano, a escola tem cinco turmas com uma média de dez alunos cada. Em três salas, Flávio e Sérgio revelam os segredos da fotografia, aprendidos na escola "Imagem e Som" e em um ano de especialização nos Estados Unidos.

Começando com a história da fotografia, eles prosseguem com os conceitos básicos, os mecanismos, os tipos de máquinas e maneiras de usá-las até os mais complexos preparados químicos usados para se obter diversos efeitos.

A escola, aparentemente, tem conseguido bons resultados com seus alunos. Um deles,

Shigueki Hamazaki, afirma que "tinha uma máquina e não sabia usar. Gostando muito de fotografia, apareceu esta oportunidade de fazer um curso. Com cinco meses apenas já fiz vários serviços, todos sem problema.

Osmar Francisco Bento é da mesma opinião de seu colega, só que não possui máquina. Apesar disso, empresta uma da escola e costuma sair para fotografar. Por enquanto, está gostando do que tem conseguido.

Agora estão sendo planejadas algumas exposições: para julho a de Flávio; em agosto a de Sérgio; e em setembro, outubro, novembro e dezembro, dos alunos.

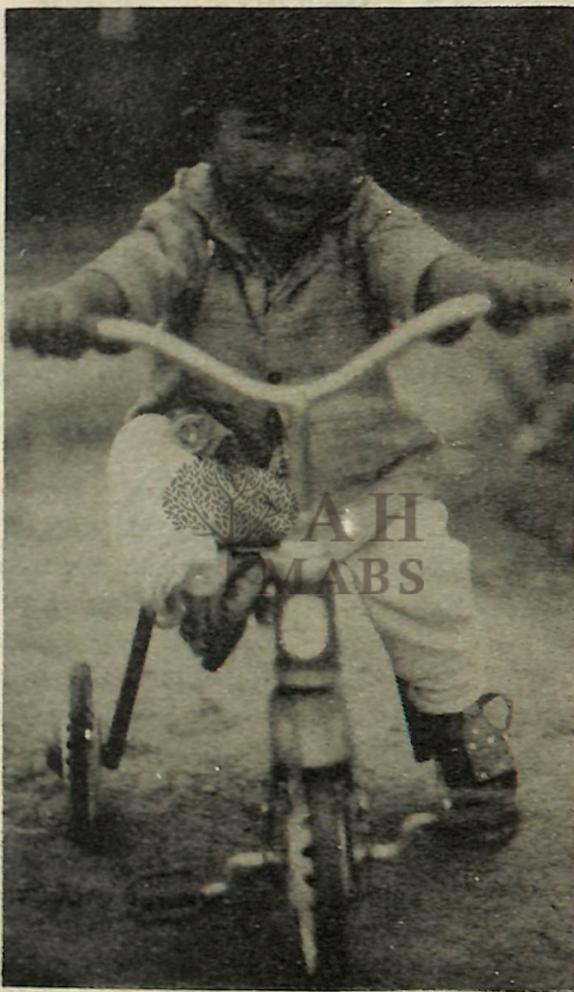
Para mostrar o que pode ser esperado publicamos algumas delas, todas de alunos.

PROGRESSO

Elaine Guião Bellini
f. 8
velocidade 1/60
filme Kodak 125 ASA

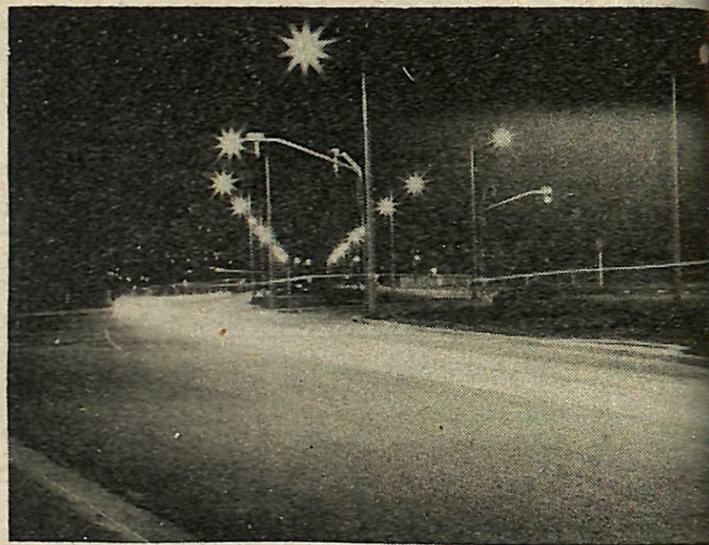


SANSEI



Shigueki Hamazaki
Canon
f. 2
velocidade 1/60
filme Kodak 125 ASA

DESERTO



Luiz Alberto Cecato
Ricoh
f. 2.8
velocidade 32 esp.
filme Kodak 32 ASA

As aulas da escola, no curso de um ano, são divididas em teoria no primeiro semestre e no segundo prática de laboratório. Para os que gostam de experiências, publicamos a apostila n. 2, onde se ensina a construir uma câmara escura, um dos primeiros passos para compreender melhor a arte fotográfica.

A palavra Fotografia é composta de Photos, que significa Luz, e Graphein, que quer dizer Gravar. Fotografar, portanto, é a arte de gravar por meio da luz. Basicamente, para que obtenhamos uma fotografia, é preciso que o objeto a ser fixado esteja visível a nos tenhamos à nossa disposição um aparelho capaz de transmitir a imagem do objeto ao filme.

A máquina fotográfica nada mais é que uma câmara escura, com maior ou menor número de dispositivos, os quais facilitam o seu uso e melhoram a qualidade de fotografia obtida. O leitor, provavelmente, já construiu uma câmara escura, quando era menino. Se nunca a construiu, vejamos aqui como construí-la.

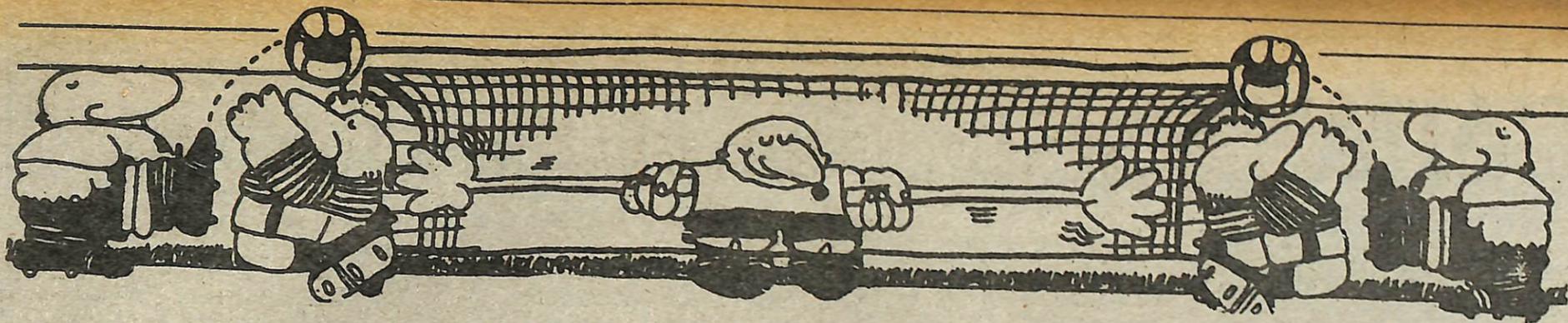
Toma-se uma caixa de papelão, na extremidade da qual se faz um furo diminuto, bem

no centro. Arranca-se a extremidade posterior da caixa, substituindo-se a mesma por papel de seda ou papel manteiga. Colocando-se a caixa no peitoril da janela, com o pequeno orifício voltado para fora da casa, ver-se-a nitidamente refletida no papel transparente, de cabeça para baixo, a imagem daquilo que passar diante do furo.

O princípio da máquina fotográfica está consubstanciado nessa câmara escura. Senão, vejamos: colocamos em lugar do orifício uma lente, mais ou menos luminosa, que nos permita fotografar com maior ou menor intensidade de luz, e mais ou menos côncava, de modo que nos forneça maior ou menor ângulo de imagem (essa lente não modifica o princípio segundo o qual a imagem, atravessando um orifício,

vai-se projetar invertida no fundo de uma câmara). Em lugar do papel transparente, colocamos um dispositivo capaz de entender a película fotográfica a ser impressionada, bem como de substituí-la depois de usada (o que, também, não altera o princípio básico da projeção da imagem, que se fixa na película). Uma simples tampinha, para cobrir e descobrir a lente durante o tempo necessário para que o filme receba a impressão, completa essa máquina fotográfica rudimentar.

Tais explicações não visam a despertar no aluno o desejo de construir aparelhos fotográficos rudimentares; mas querem dar uma idéia, realmente simples, do mecanismo da fotografia, que, como vimos, não é nada complexo.



Futebol e amizade no Nacional A. C.

Com a intenção de reativar a prática do futebol entre seus associados, a diretoria de esportes do Nacional Atlético Clube promoveu domingo, dia 16, dois jogos contra o time da Antarctica.

O primeiro jogo reuniu os veteranos de ambas as agremiações num jogo cheio de gols: o Nacional venceu por 4 a 0.

No jogo principal, a nova equipe do Nacional fez a sua primeira apresentação, inclusive estreando o novo uniforme, e empatou com a Antarctica em 2 gols.

Depois das partidas de futebol, a diretoria do NAC ofereceu uma chopada aos visitantes.

Em ambos os jogos foram disputados troféus, oferecidos pelo advogado André Benassi e pelo "Jornal de 2a.", representado por Erazé Martinho. Num gesto de mu-

ta esportividade, o diretor de esportes do Nacional, Alberto Erico Muritiba, ofereceu o segundo troféu à equipe visitante, já que o jogo terminou com o placar igual em gols.

Os Veteranos do NAC, que venceram por 4 a 0, foram: Carelli, Cabral, Renê, Wolf, Isaias, Vero, Flávio, Brito, Baiano, Lorenti e Larrubin. Contaram com os seguintes reservas: Mário, Bidão, Barbosa, Ademir, Caetano, Vargas e Carlão. Marcaram os gols: Brito, Isaias e Carlão (o quarto gol foi marcado contra um defensor da Antarctica). O técnico do NAC foi Walter Junquis.

O time derrotado jogou com: Mandrá, José, João, Zé, Japonês, Oscarino, Otávio, Francisco, Vonekiti e Negrinho. O técnico foi Édison.

Na partida de fundo o Nacional empatou com: Lauro, Nego, Sergio Brito, Zé Inácio, Mauro, Ademir,

Sandoval, Sérgio, Cidinho e Pascoal. Os reservas: Celso, Adão, Walmir, Vilmar, Lorenti.

O time da Antarctica

jogou com Vicente, Filipini, Paulão, Edson, Célio, Wilson, Daines, Jurandir, Chicão, Mércio e Odair. Na reserva estavam: Neguinho, Gabriel e

Mandra.

Os gols do Nacional foram marcados por Sandoval e Lorenti. Os da Antarctica por Edson e Chicão.

**Leia e assinie o
JORNAL DE 2^a.**

E' tempo de saber das coisas.

Basta
discar
4-2759

Décio

BC



Clínica Dentária São José
Tratamento dentário em geral.
Dr. Sérgio de Melo Tavares
Rua São José, 44 - centro

**Escritório
de
Advocacia**

dr. ademercio
lourenção
dr. alcimar a.
de almeida
dr. francisco
v. rossi

RUA SIQUEIRA DE
MORAIS, 570. 1^o ANDAR
EDIFÍCIO MARIJU

ADVOCACIA

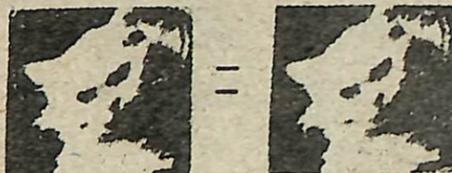
Dr. André Benassi
Dr. Randal J. Garcia

ESCRITÓRIO

RUA BARÃO, 873
TELEFONE 4.3899

JUNDIAÍ SP

**FOTOCOPIADORA
MALTONI**



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX
DA CIDADE

Rosário, 616

Fone - 6-8460

XEROX
também
é com o
**FOTO
ZEZINHO**
ROSÁRIO, 523 - FONE 6.3795

NOVIDADES/
Charme
CALÇADOS/
ROSÁRIO, 526



LAGO AZUL
RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

Célia

LIVRO

Esta nova edição da Antologia Poética de João Cabral de Melo Neto, inclui poemas de todos os seus livros, desde Pedra do Sono, o primeiro, até A Educação pela Pedra, o último.

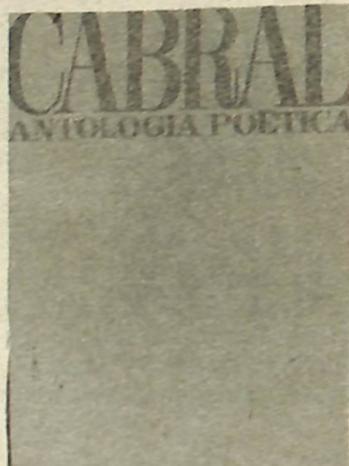
João Cabral de Melo Neto é pernambucano do Recife, onde nasceu aos 9/1/1920.

Passou a infância nos engenhos de açúcar e estudou com os Irmãos Maristas, no Recife. Em 1942 foi para o Rio. Em 1969, entrou para a Academia Brasileira de Letras, eleito por unanimidade de votos.

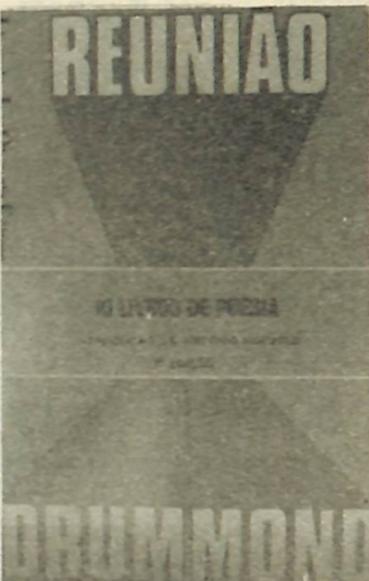
Reunião, de Carlos Drummond de Andrade, contém 10 livros de poesias do autor.

A 7a. edição desse lançamento da Livraria José Olympio Editora prova, mais que qualquer outro argumento, o quanto a poesia concentrada e pungente de Drummond soube chegar ao público sem fazer a menor concessão ao gosto fácil.

A Reunião de Alguma Poesia, Brejo das Almas, Sentimento do Mundo, José, A Rosa do Povo, Novos Poemas, Claro Enigma, Fazem



João Cabral de Melo Neto é um dos maiores poetas da língua portuguesa de todos os tempos.



deiro do Ar, A Vida Passada a Limpo, Lição das Coisas, e, mais 4 Poemas Inéditos, formam o conteúdo desse li-

Chico Buarque de Hollanda, em 1968, impressionado com os vresos de Morte e Vida Severina, seu mais famoso livro, musicou e trans pôs para o palco esse poema transformando-o num auto, que é, hoje, considerado um dos maiores clássicos da dramaturgia brasileira.

— O que é a Poesia? perguntas-te-me, cravando em mim os teus lindos olhos negros, escreveu Lope de La Vega.

E eu respondo.

A poesia é isto, Poeta:

vro, que possibilita ao leitor, o conhecimento de um poeta, cuja poesia teve origem no Movimento Modernista de 1922, e, logrou depurar-se ao longo de mais de 40 anos, para traduzir os sonhos, as pirações, angústias e tendências de todos os homens e, de qualquer parte da terra, pois Drummond de Andrade é poeta universal e univérsico.

A reedição de Reunião, se constitui num dos maiores acontecimentos literários dos últimos tempos.

O volume custa Cr\$... 40,00, e, está dando sopa na Livraria Anhanguera.

FILME

Trata-se de uma história acontecida, realmente, no ano de 1972, no bairro novaiorquino de Brooklyn, cuja população, é, em quase sua totalidade, italiana. Sonny, o protagonista dessa história absolutamente verdadeira, foi julgado, e, hoje está cumprindo uma pena de vinte anos de prisão, sentença que lhe foi imposta pelo seu crime. Sonny assaltou, de modo espetacular, um banco do bairro de Brooklyn.

Nessa historia, que o diretor Sidney Lumet levou e dirigiu para o cinema, Sonny é vivido por Al Pacino, ator consagrado mundialmente pelo desempenho magistral do filho e sucessor de O Poderoso Chefão.

Sonny (Al Pacino), personagem central de Um dia de Cão, é um cidadão pobre, casado, com dois filhos ainda pequenos para alimentar, vestir, criar e educar. Além disso,

tem uma esposa e um amigo muito especial, portador de desvio da sexualidade, com quem mantém relações extraconjugais, e, o compromisso de custear uma operação cirúrgica que o transformaria (ou definiria) em mulher esse amigo. No caso, em sua mulher, na mulher que ele, desesperadamente amava.

Como se vê, uma história que pela sua trama, e, pelo seu delicado e perigoso assunto, poderia facilmente cair no ridículo, no grotesco, e, até mesmo, na galhofa.

Todavia, o talento, a sensibilidade e o gênio de Sidney Lumet, fizeram de Um Dia de Cão, um filme profundamente comovente, humano, impregnado de compaixão e ternura pela figura frágil e aparentemente desvalida de Sonny, herói de físico, pequeno, mas que, contrariando todas as aparências, enfrenta sozinho com seu único

revólver, mais de uma centena de policiais empenhados na sua captura, depois que ele assaltou, em lances heróicos e perigosíssimos (sózinho), o banco de onde ele roubou o dinheiro com que pretendia resolver seus eternos e angustiantes problemas financeiros, morais e psicológicos.

Pobre Sonny, pobres sonhos, pobre amor, pobre ilusão.

O pobre cidadão Sonny é aquilo que nós, todos nós, fizemos dele, e, por isso mesmo, um ser humano comovente.

Um Dia de Cão, é um filme de forma absolutamente digna, tratado com profundo respeito, amor, e, uma comovente, sutil, quase imperceptível compaixão, solidariedade e simpatia pela trágica vida de Sonny, a quem nenhum espectador deixará de amar.

Basta conhecê-lo.

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

SÍTIOS E CHACARAS

CENTRO: — Area de 1300 metros quadrados + ou —, local excelente para prédio de apartamentos ou salas para escritório, próximo ao Fórum. Preço: — Cr\$... 1.500,00 o mt2, estuda-se algumas facilidades. **Oferta: Recreio Lar.**

VILA MUNICIPAL — Nova, com abrigo, slaa (6,00 x 6,50), copo/coz., banheiro compl., 2 dorm. c/ arma. **PODE SER FINANCIADA.** **Oferta: Ribeiro**

PARQUE DO COLÉGIO — living, sala de TV, 3 dorm., 2 lavabos, 1 banheiro completo, cpo/coz., e depend/ empregada. **PODE SER FINANCIADA.** **Oferta: Ribeiro**

ANHANGABAU: — Area de terreno medindo 14x50, igual a 700 mt2, excelente local para prédio de apartamentos. Preço e condições nesta imobiliária. **Oferta: Recreio Lar.**

JARDIM CICA — Nova, living, sala de jantar, 3 dorm. com arm., cpo/coz., 2 banheiros. **PODE SER FINANCIADA.** **OCASIÃO. Oferta: Ribeiro**

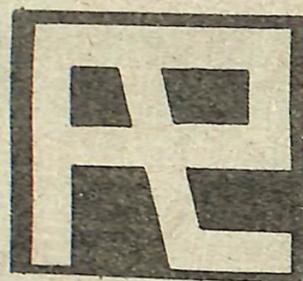
VÁRZEA PAULISTA - área de 4.500 m2. contendo casa c/dormitório, sala, copa/cozinha, banheiro, poço, luz e pomar. Toda cercada de pilares. **OPORTUNIDADE - 220 mil à vista ou c/facilidades. Oferta Ribeiro.**

CAXAMBU - Duas, corr áreas de 9.000 e 5.6000 m2 Ônibus na porta. Duas casas simples, 2 córregos. Lugar excelente, terreno plano. **OCASIÃO. Oferta Ribeiro.**

RIO ACIMA - Duas, com áreas de 40.000 e 84.000 m2. A 1.a só c/mata grande e água corrente; a 2.a com mata, 2 córregos, casa simples, pomar e uva. Lugar pitoresco e recreativo. **Oferta Ribeiro.**

CHACARA DE RECREIO OU MORADIA — Area de 7.000 mt2, casa sede com 4 dormitórios sendo um tipo apartamento, sala, cozinha, banheiro e outro apartamento ao lado, toda cercada e formada com árvores frutíferas, gramado e lindos bosques com mesa para churrasco, lago com peixes, 5 nascentes toda iluminada com instalações embutidas, telefone urbano. Preço: Cr\$ 1.200.000,00 com 50% de entrada e o saldo a combinar. **Oferta: Recreio Lar.**

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI



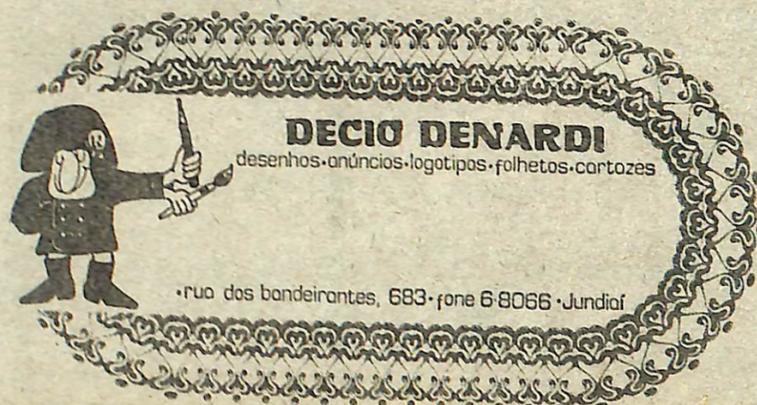
Recreio Lar
Imóveis e Administração
Av. Jundiá, 667
Fones 6.4108 - 6.5888



administração

e vendas

rua mal. deodoro da
fonseca, 479
tel. 6-5388



DECIO DENARDI

desenhos-anúncios-logotipos-folhetos-cartazes

rua dos bandeirantes, 683-fone 6-8066-Jundiá

Cuidado, há piolhos à solta!

Recentemente, uma das nossas reporteres estava viajando num ônibus municipal e viu nos cabelos da moça a sua frente uma grande quantidade de lêndeas (ovos de piolho). Se procurasse melhor, certamente encontraria grande quantidade de piolhos na cabeça dela.

Temerosa por uma reação, que não poderia adivinhar, a reporter deixou que a moça descobrisse sozinha. Talvez não tenha sido a melhor solução, mas foi motivo dessa entrevista com o inspetor de saneamento Candido Zubaio de Carvalho, do Centro de Saúde local.

PIOLHOS NOS ESTUDANTES

O piolho, via de regra, pode ser considerado um mal endêmico e, segundo Candido, «embora se tenha registrado casos de escolas interditadas, não se pode considerar um agravamento da situação». Ele garante que se trata de um problema exclusivo da higiene do povo, pois a transmissão é sempre por contato direto.

O piolho é um parasita muito pequeno e são duas as espécies que infestam o homem, que é imune à espécie que ataca os animais. Cada piolho põe de 100 a 150 ovos, que podem se alojar

nos cabelos compridos e sujos, nas dobras de roupas e nos pelos do pubis.

Os parasitas tornam-se adultos em duas semanas e vivem cerca de um mês e meio. Eles se alimentam de sangue diversas vezes ao dia, injetando na pele sua secreção salivar, que provoca irritação e a coçadura agrava o problema. Com o tempo, a sensibilidade se torna maior, o que pode fazer surgir infecções secundárias.

TRATAMENTO

Quando a pediculose é constatada, o tratamento começa com a pulverização dos cabelos com um produto que contenha DDT (a 10% em pó), cobrindo com uma toalha ou gorre durante várias horas. Nesse caso é recomendado não lavar a cabeça por uma semana, para o remédio atuar bem sobre os piolhos e seus ovos. Durante esse tempo, é preciso usar pente fino.

Esse tratamento deve ser repetido com intervalos semanais até o desaparecimento total do parasita, além de se lavar todas as roupas de uso pessoal e de cama e pulverizar inseticida nos colchões e cobertores. Tudo isso recomenda-se também às pessoas que residem na mesma casa.

OUTROS MALES

A atuação do Centro de Saúde também se dirige para os produtos hortícolas vendidos na cidade. Atualmente, os jundiaenses ainda devem estar ingerindo alface, agrião e repolho contaminados, apesar das providências tomadas no ano passado.

Na ocasião, o Centro de Saúde recebeu amostrar de hortas locais e as enviou ao Instituto Adolfo Lutz. O resultado, se não foi uma total surpresa, pelo menos mostrou ser o problema bastante grave em Jundiaí.

O inspetor Candido imediatamente percorreu as plantações e orientou seus proprietários sobre as medidas que deveriam tomar, caso contrário ele seria obrigado a proibir a comercialização.

As verduras estavam sendo contaminadas devido à proximidade com os aglomerados urbanos, pela irrigação com água suja e pelos detritos que as enxurradas das chuvas levavam. Para resolver, uma das soluções foi construir um tanque onde se mergulharia as verduras numa solução de hipoclorito de sódio.



O inspetor Candido

No entanto, nem todas as hortas cumpriram as orientações e apesar das inspeções constantes, novas amostras não puderam ser analisadas, devido a falta de fiscais, que são apenas seis.

Por isso, recomenda-se que todas as donas-de-casa levem várias vezes as verduras, mergulhando-as depois numa solução de cloro, que pode ser comprado em qualquer farmácia. Caso não se temer estes cuidados, há perigo de se contrair parasitas ou uma gastroenterocolite (inflamação simultânea no estômago e intestinos).

LEIA e ASSINE
O JORNAL DE 1ª:
O JORNAL DE 2ª
disque: 4-2759

RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL

revendedor autorizado
em Jundiaí:

COMERCIAL

PANIZZA
LTDA.

BARÃO-427
FONE: 6-8237



**VERMUTE PAIZANO,
CONHAQUE CHAPINHA E
VINHO FLOR DO RIO GRANDE**
O Trio mais quente do Brasil.

PASSARIN S.A.
INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE BEBIDAS E CONEXOS

O QUE É QUE HÁ COM O ESTADÃO?

Em nosso último número publicamos, sob o título "O que é que há com o Estadão?", nossa surpresa pela cobertura que o importante jornal "O Estado de São Paulo" vinha dando ao governo Ibis Cruz, surpresa essa justificada pelo fato do renomado matutino paulista-

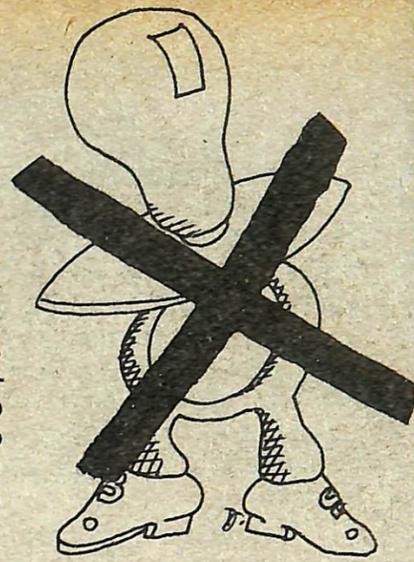
no sempre ter se destacado por suas campanhas anticorrupção.

A mesma nota fazia, ainda, menção ao fato do correspondente do "Estadão" em Jundiaí ser um "chupeta" denominação que caracteriza a imensa legião de assalaria-

dos a serviço do prefeito Cruz. Essa afirmativa, todavia, é impropriedade: embora tivéssemos tido o cuidado de verificar, acabamos transmitindo uma informação errada, pela qual nos desculpamos publicamente.

De qualquer maneira,

sentimos um grande pesar em saber que o tradicional jornal, com seus 100 anos de vida servindo às boas causas, tenha enveredado pelo triste caminho do apoio ao mais imoral governo que Jundiaí já teve o azar de eleger.



"Graças aos esforços da atual administração e à confiança que você depositou nela, toda a população de Jundiaí vive hoje uma nova realidade. As claras". (Prefeitura Municipal de Jundiaí, Administração Ibis Cruz, anúncio dos grandes, de primeira página - publicado no JC de 16/5).

"Você que parece perfeito/ pode como eu também errar/ pode como eu também não entender muitas coisas..." (Trecho de uma poesia de Iara Souza Barreto, mesma edição do JC).

"Se fosse feito um hino às multinacionais, o estribilho seria: "Ai, ai, ai". (Seção "Salada Mista", JJ de 16/5 - circulou depois de "Ovelha Negra; a fonte não é mencionada; nem nessa nota, nem de várias outras tiradas do mesmo jornal).

"Não sou bobinha nem intelectual. Quero ser eu mesma". (Regina Duarte).

"A vida contemporânea é dominada por esta filosofia. Os venenos são parte de nossa vida diária. Eles estão no ar que respiramos, na água que bebemos, no alimento que ingerimos, nos vestimentos que usamos, nos artigos e materiais que nos rodeiam". (professor Flávio Zanatta, conhecido por sua atuação em favor dos regimes tidos como naturistas; Pasquim, semana de 14 a 20/5/76).

"Jundiaí ficou na hora veja (sic) quanto ao seu Paço Municipal, com uma Prefeitura Municipal sem sanitário que o próprio chefe do

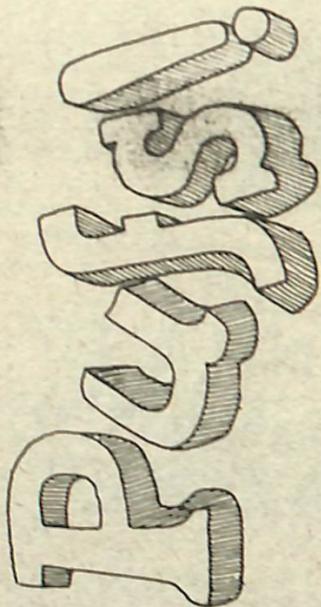
Executivo. E não o terá tão cedo". (Guilherme Enfeldt, seção "Estamos na Praça", JJ de 13/5).

"Sentimos demais o problema de falta de água. Nós temos água de poço, mas todos aqui são pobres, não podemos fazer encanamento. A gente vai vivendo assim. Quem tem bacia, toma banho de bacia. Quem não tem, vai de caneco mesmo". (Julieta Pereira da Silva, moradora do Jardim Tamoio, Jornal de 2a., semana de 10 a 16/5).

"Agora, o que é preciso, é que a Prefeitura, vez por outra, traga para cá mais espetáculos para que nosso povo ganhe mais gosto por essas coisas". (Espiridião Barbalhosa, sobre o circo Thiany, que esteve em Jundiaí, JJ de 13/5).

"O vereador arenista José Rivelli, autor de dois requerimentos que trouxeram ao conhecimento público os gastos absurdos que o prefeito vem fazendo com propaganda e refeições, acaba de ser boicotado pela maioria amestrada de seu companheiro de vereança, que rejeitou seu novo requerimento pedindo informações sobre o consumo de gasolina pelos veículos da Prefeitura e do DAE". (Jornal de 2a., semana de 10 a 16/5).

"Ô, cidade sofrida!" (Prefeito Olavo Setubal, ao inspecionar o desentupimento de uma boca-de-lobo numa das ruas de São Paulo; Folha de S.Paulo, 17/5).



Crisântemo é mais um desses jovens músicos brasileiros que compõe em língua inglesa.

Cicio é uma espécie de gagueira que ataca os animais na época procriação.

Parábola era uma jogada que os apóstolos faziam para evitar o ataque dos coríntios.

Metatarso é o mesmo que "encha o pé".

Corte Suprema foi uma cantada que Sir Walter Raleigh deu na Rainha Elisabeth I.

Apocalipse foi um desastrado cavaleiro medieval.

O barbeiro de Sevilha morreu vítima do mal de Chagas.

Schopenhauer é uma bebida alemã vedada às mulheres.

Insulina é uma pequena porção de terra, cercada de água doce por todos os lados.

Lombroso é um prato italiano de aparência muito feia.

Sinecura é o nome que os romanos davam ao câncer.

Tíbia é o país asiático que abriga o maior número de desnutridos.

Cordon Bleu foi a primeira escola de samba da França.

La Cucaracha foi uma bailarina espanhola que se apaixonou por Kafka.

Miasma é um chiado que dá no peito dos gatos.

14 - Bis foi a mais aplaudida peça brasileira no festival de Paris.

Liebefraumilch foi ama-seca de Adolf Hitler.

Cáspite foi o mais desbocado dos imperadores romanos.

Jactância é um avião do qual o Concorde é teco-teco.

Rendez-vous é o mesmo que "mãos ao alto".

Tipóia é uma cobra do tamanho de um braço.

Subterfúgio é um esconderijo de tatu.

Arigato é um felino japonês.

O "Jornal da Cidade" que publicou a manchete "Ganhamos", no dia em que Ibis Cruz foi eleito, acaba de perder a concorrência para publicação dos atos oficiais da prefeitura e das autarquias.

O ganhador da concorrência foi o "Jornal de Jundiá", que durante os dois primeiros anos da atual administração, manteve uma séria linha de crítica ao governo Cruz, passando mais tarde a dar uma obediente cobertura ao "corajoso e dinâmico" prefeito — exceção feita em uma outra notícia, imposta pela redação à diretoria, segundo consta.

Decidida a concorrência, fica no ar uma dúvida: que posição adotará o "Jornal da Cidade", agora que não conta com o precioso faturamento oficial?

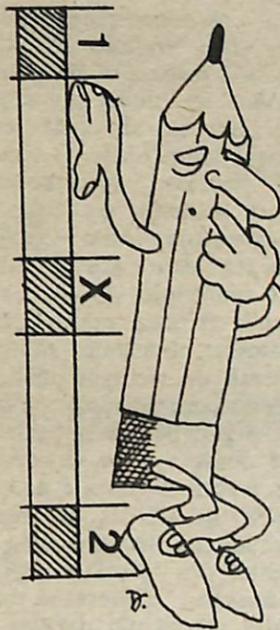
Segundo se comenta, a

direção do JC já ofereceu as páginas do diário ao Dr. Rubens de Lucca, detentor de uma sublegenda da Arena e concorrente anti-Ibis nas próximas eleições. Dentro dessa linha de raciocínio, a nova chance dada ao jornalista Sutti, autor da confusa página dominical "Chalça", já seria o primeiro gesto de adesão do Dr. De Lucca.

Outras fontes, porém, lembram que tanto o redator-chefe Waldemar Gonçalves, quanto o editorialista Adelino Brandão são funcionários da Prefeitura, nomeados por Ibis, o que talvez fosse uma garantia da continuidade do alinhamento ao homem que está no poder. Resta saber se a diretoria do "Jornal da Cidade", preterida depois de tantos anos de fiel dedicação, permitirá a atuação desses dois jornalistas em favor do ex-cliente.

Resta ao público anotar,

a cada dia, que direção tomarão os dois diários da cidade. Uma coisa é certa: não haverá coluna do meio, nesse jogo milionário.



SALADA COM O INGREDIENTE DOS OUTROS

Boa, mas muito boa mesmo, a coluna "Salada Mista", publicada aos domingos no *Jornal de Jundiá*. Só que o autor das espirituosas notas devia publicar seu nome, para se promover.

A seção anda tão boa que tem gente copiando quase tudo o que ele escreve. Por exemplo: aquilo que saiu domingo passado foi "chupado" pelo novo semanário "Ovelha Negra". Tudo descaradamente copiado. Ei, "Salada Mista", processa esses caras!

Nota da redação: No momento em que encerrávamos nossos trabalhos, chegaram a notícia de que o semanário "Ovelha Negra" circu-



lou antes da seção do pan... perdão, espirituoso jornalista que faz a "Salada". Portanto ficam sem efeito as linhas acima.

A GRANDE DESILUSÃO

De um arenista, na quinta-feira, depois de ler as notícias sobre o esforço do senador Petrônio Portela em

apressar a aprovação do empréstimo de 228,5 milhões para Ibis: "Meu Deus, que país é este?" (E.M.)

FRUTO DA TERRA

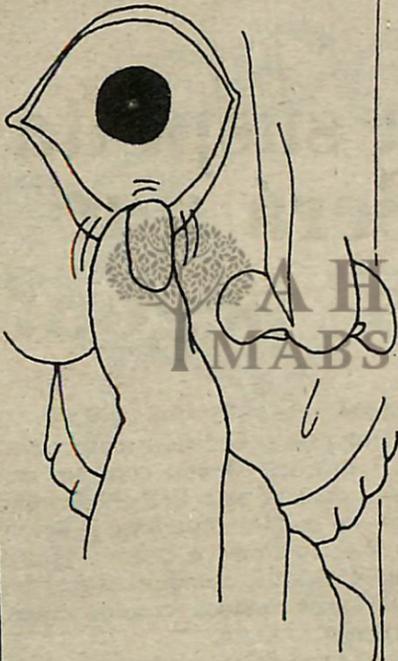
Eduardo Abrahão, artista plástico com raízes jundienses, expõe a partir desta segunda-feira, dia 24, nos salões de arte do Colonial, na rua Columbia em São Paulo.

Ele é neto de Biagio Calichio, considerado um verdadeiro patrimônio vivo da Vila Arens.

O artista, segundo críticas, "é possuidor de uma

técnica aprimorada, transferindo para seus quadros a pureza de seu interior. Usa de um simbolismo, marcante de espiritualidade, sendo seus peixes ricos em formas e traços, equilibrados numa composição original saída de seus estudos e pesquisas".

Eduardo foi vencedor de um concurso no Banco do Estado de São Paulo e pretende, em breve, promover uma exposição em Jundiá.



O colunista João Carlos Lopes elegeu o prefeito Cruz "homem de visão". Não posso reclamar porque, quanto a isso, o sr. Cruz ganha longe de mim (a nota saiu na semana em que visitei o oculista). Mas será que não houve erro de revisão? Pelo que tenho lido no *Jornal de 2a.*, ele poderia ser eleito o "homem divisão".

A IMAGEM QUE VOCÊ VÊ, DEPENDE DA ANTENA QUE VOCÊ TEM.

TEMOS UM TIPO DE ANTENA PARA CADA NECESSIDADE

INDÚSTRIA DE ANTENAS JUNDIAI LTDA.

Loja: Rua São Bento, 126 — Telefone 6-8164
Fábrica e Escritórios: Via Anhanguera, Km 60,800
Telefones 6-1111 e 6-8142

COSJUND COZINHA JUNDIAIENSE LTDA

refeições industriais

R. JOSE BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA, 408
FONES: 6-6392 E 6-2461

JUNDIAÍ CLÍNICAS

Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CASSIA
Praça Rotatória, s/n — J. Messina
Fone: 4-1666

Pronto Socorro Veterinário Rua Barão de Jundiá, 227 Fone — 6-7325	Foto Gelli Rua do Rosário, 334 Fone, 4-2253 -	Cocato O mecânico do seu carro. Rua Dr. Antenor Soares Gandra, 140 Fone — 6-4522	Foto Luiz Rua São José, 22	Açougue e Casa de Carnes Marcio Cacezes Rua Senador Fonseca, 1032 Entregas à domicílio Fone 6-4880
---	---	---	-------------------------------	--

Ibis envolve o Senado na falência da cidade.

A concorrência realizada pelo Prefeito Ibis Cruz para a realização do Sistema Viário de Jundiá apresentou os aspectos da mais revoltante imoralidade. O contrato firmado com a construtora Andrade Gutierrez foi denunciado como extremamente lesivo aos interesses do município. As obras vem sendo feitas a preços escandalosos, drenando violentamente os recursos públicos. Veja-se por exemplo, quando se pagou pelo acampamento de obras e pelos serviços de escavação de terra e de aplicação de asfalto, que representam os itens mais importantes dos trabalhos em andamento. Observe-se que estes preços são da data da concorrência, ou seja, janeiro de 1974. Hoje, estão praticamente dobrados.

lesividade ao patrimônio municipal, as tão descartadas obras do "dinâmico" prefeito

Por estes números, pode-se ter uma idéia do que representam, em termos de

Ibis Cruz.

Para se conhecer toda a dimensão dessa lesividade

seria necessário saber os montantes já pagos ao empreiteiro, relativos aos diversos serviços feitos. Mas estas informações são mantidas em segredo pela administração municipal que, naturalmente, não deseja tornar público o custo imenso do seu malcheiroso "dinamismo".

Por outro lado, a Câmara dos Vereadores, a quem competia zelar pelos interesses do povo, essa constituição mais um capítulo repugnante de toda esta triste novela. Dominada pela famosa "maioria alinhada" que, por razões que cabe a cada um imaginar quais sejam, é totalmente servil ao prefeito, ela cumpre o melancólico papel de dar sustentação e cobertura ao governo imoral que castiga nossa terra.

Acampamento -	
Preço da Gutierrez	Cr\$ 6.860.671,47
Preço da Firpave	Cr\$ 99.999,90
Escavação de terra - (m3)	
Preço da Gutierrez	Cr\$ 11,45
Preço da Firpave	Cr\$ 3,00
Preço do DER, na época da concorrência	Cr\$ 2,54
Concreto asfáltico - (m3)	
Preço da Gutierrez	Cr\$ 520,00
Preço da Firpave	Cr\$ 300,00

Concorrência suspeita na Dersa. Será que a "moda Ibis" pegou?

O prefeito Ibis Cruz continua lutando desesperadamente para afundar mais ainda em dívidas o município. Agora ele está pretendendo novos empréstimos, até o montante de Cr\$ 228,5 milhões. Não precisa ser nenhum gênio para perceber que isso representa um verdadeiro atentado à economia do município. Basta lembrar que a receita corrente, em 1975, foi de Cr\$ 109 milhões para entender que aquele montante excede, de muito, nessa capacidade de endividamento.

O que causa estranheza são as notícias de que esta pretensão absurda do prefeito Ibis Cruz foi apresentada no Senado como sendo um reajuste de apenas 30% nos limites admitidos para o nosso endividamento. Como se explica isso? Pela resolução 62/75, do Senado Federal, as dívidas totais do município não podem ultrapassar 70% do total das receitas do exercício anterior. Se a receita de

Jundiá, em 1975, foi de Cr\$ 109 milhões o teto para o endividamento deve ser Cr\$... 76,3 milhões. Mesmo com um acréscimo de 30%, passaria para Cr\$ 99,2 milhões. Muito mais do que isto o prefeito já deve! No início do ano, conforme o quadro, as dívidas somavam Cr\$ 105 milhões. Hoje, devem estar muito mais elevados, com os saques realizados no Banco do Brasil.

Diante deste quadro, que história esquissada é essa de reajuste de apenas 30%? Na realidade, os Cr\$ 228,5 milhões desejados pelo prefeito representam um "estouro" de 300% no limite de endividamento! Isto poderia ser chamado apenas de extrema loucura, se não soubesse do destino imoral dado aos recursos fabulosos obtidos pelo prefeito Ibis Cruz. Todos estes milhões se consomem nas obras das avenidas suntuosas, abertas a preços escandalosos, que representam um verdadeiro assalto aos cofres do município.

A imoralidade acampou aqui

O engenheiro Henrique Guedes, presidente da Associação Paulista de Empreiteiros de Obras Públicas, denunciou a concorrência pública aberta pela Dersa para a construção da Via Norte como sendo dirigida para cinco grandes construtoras: Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez, Mendes Junior, Cetenço e CBPO.

Segundo aquele engenheiro, a Dersa fez um pré-orçamento bastante elevado, muito acima dos preços normais do DER. Como nenhum concorrente pode apresentar proposta inferior a este pré-orçamento em mais do que 10%, isso vai provocar um empate forçado neste piso excessivamente alto, facilitando a entrega das obras aos empreiteiros pre-escolhidos. A preços altamente vantajosos — para os empreiteiros naturalmente, e não para a coletividade.

Tal manipulação inescrupulosa dos processos de licitação é bem conhecida em Jundiá. A concorrência do Sistema Viário, feita pelo prefeito Ibis Cruz e preparada com maestria pela firma Sotaffe, é um primoroso modelo de lesividade ao patrimônio do município. Está aí, como um verdadeiro figurino, à disposição dos administradores inorais, "dinâmicos" e corajosos, que pretendam, sob o pretexto de realizar grandes obras, assaltar os cofres públicos.

RECEITAS CORRENTES DO MUNICÍPIO

	1974	1975
Receita Tributária	Cr\$ 29.124.187,43	Cr\$ 40.038.415,41
Receita Patrimonial	Cr\$ 330.337,90	Cr\$ 483.089,63
Receita Industrial	Cr\$ 480.591,69	Cr\$ 1.369.549,51
Transferências correntes	Cr\$ 44.923.392,80	Cr\$ 62.277.966,04
Receitas Diversas	Cr\$ 2.057.422,51	Cr\$ 4.923.080,80
Total	Cr\$ 76.915.932,33	Cr\$ 109.092.101,39

DÍVIDAS DO MUNICÍPIO EM 31.12.75

Banco do Brasil	Cr\$ 81.386.000,00
Sofisa	Cr\$ 2.214.222,00
Dívida Flutuante	Cr\$ 21.543.922,01
Total	Cr\$ 105.144.144,01